Arcano 17

André Breton

4 de novembro de 2007

No sonho de Elisa, essa velha cigana que queria me beijar e de quem eu fugia, ora, era a ilha Bonaventure, um dos maiores santuários de pássaros do mar que existem no mundo. Nós déramos uma volta ao seu redor, naquela mesma manhã, sob um céu encoberto, num barco de pesca com todas as velas ao vento, e, ao partir, nós nos encantarámos com a disposição bem fortuita, mas à Hogarth, das bóias feitas de barril amarelo e vermelho, com o fundo enfeitado por pinceladas de sinais de aparência cabalística, barril encimado por uma longa haste em cuja ponta flutuava uma bandeira negra (o sonho, sem dúvida, apoderou-.se desses artefatos, agrupados em feixes irregulares no ; convés para vestir a boêmia). O estralar das bandeiras acompanhara-nos o tempo todo, exceto no momento em que nossa atenção havia sido atraída pelo aspecto, que desafiava a imaginação, oferecido pela íngreme parede da ilha, franjada em, cada degrau por uma espuma de neve viva e incessantemente renovada por grandes e caprichosos toques de espátula azul. De fato, no que me diz respeito, esse espetáculo envolvera-me: durante um bom quarto de hora, meus pensamentos uns marrons, outros brancos, que nós surpreendemos ter-se-iam de bom.grado transformado em aveia branca nessa debulhadora. Por vezes, uma asa próxima, dez vezes maior do que a outra, concordava em solene uma letra, nunca a mesma, mas logo o aspecto mente quanto aí se haviam escondido em nossa frente, exorbitante da inscrição toda tornava a me cativar. Alguém já falou em sinfonia, para se referir ao conjunto rochoso que domina Percé, mas essa imagem só adquire força a partir do momento em que se descobre que o repouso dos pássaros se amolda às anfractuosidades dessa muralha a pique, de forma que o ritmo orgânico se sobrepõe aqui quase exatamente ao ritmo inorgânico, como se ele precisasse se consolidar sobre o outro para se manter. Quem teria pensado em emprestar o mecanismo das asas à avalanche! As diferentes camadas de pedra, numa linha sinuosa oscilando entre o horizontal e o oblíquo, a quarenta e cinco graus sobre ornar, são descritas por um maravilhoso traço de giz em constante ebulição (vem-me à memória a colcha dobrada, da mesma brancura, de renda de filé cujas flores grandes me fascinavam ao despertar, quando eu era criança). É maravilhoso que sejam as próprias dobras imprimidas nos terrenos pelo tempo, que sirvam de trampolim à vida, naquilo que ela tem de mais convidativo: a subida, o aproximar-se de leve e a luxuosa deriva dos pássaros do mar, Há o treme luzir de uma estrela acima de tudo aquilo que tenta, mas logo evita de forma selvagem, o contacto humano como as nenezinhas (ultimamente a dos meus amigos Arshile e Agnês Gorky, de onze meses, tão puramente fada, que virava o ombro todo com um tal ar de ofendida, quando eu ameaçava pegar sua mão, para com os olhos cada vez mais brilhantes, pedir, com todos os recursos da jovialidade e da graça aquilo que ela enjeitava), ou ainda como esses *visons,* uns marrons, outros brancos, que nós surpreendemos num lugar de criação não longe daqui, e que, enquanto passávamos diante de suas gaiolas alinhadas, saíam às nossas costas de seu abrigo, tão precipitadamente quanto aí se haviam escondido em nossa frente para vir nos examinar de bem perto, O pensamento para se referir ao conjunto poético tem, obviamente, essa forma de agir. É inimigo da pátria, e está eternamente de sobreaviso contra tudo aquilo que pode querer ardentemente apreendê-Io: é nisso que ele se distingue, na essência, do pensamento comum. Para permanecer aquilo que ele deve ser, condutor de eletricidade mental, precisa antes de mais nada carregar-se, de energia em meio *isolado.*

O isolamento, nesta costa da Gaspésia, hoje em, dia, é tão inesperado e tão grande quanto possível. Esta região do Canadá vive, com efeito, sob um estatuto particular e, apesar de tudo, um pouco à margem da história, uma vez que, embora

incorporada a um domínio inglês, ela conservou da França, não apenas a língua onde se estabeleceram todos os tipos de anacronismos, mas também a marca profunda dos costumes. Talvez, por mais dramático que ele possa ser, o desembarque atual de numerosos canadenses franceses na costa normanda poderá contribuir para o restabelecimento de um contacto vital, que inexiste há quase dois séculos, Porém, os que ficaram aqui mostram por seus gestos e por seus propósitos que nunca puderam ultrapassar totalmente um estágio em que sua aventura própria, na condição de grupo, se embaralha para se confundir tanto quanto possível com uma outra. Se, da parte deles, qualquer rancor tenha provavelmente desaparecido, sua integração no seio da comunidade inglesa se mostra das mais ilusórias. A igreja católica, fiel a seus métodos de obscurecimento, utiliza aqui sua toda-poderosa influência para impedir a difusão da*quilo que não é literatura edificante (o teatro clássico a Esther* e *Polyeucte,* que se oferecem em pilhas enormes nas livrarias de Québec, o século dezoito parece não haver existido, Hugo é inencontrável). Os *chars,* como são chamados aqui os ônibus, raros e precários, só readquirem um pouco de segurança na travessia de *pontes cobertas* de uma outra era. Esta estação, aliás, não foi favorável ao turismo. Os americanos se abstêm, com algumas raras exceções, há vários anos. As recentes eleições no interior, que fazem o poder passar do partido liberal para a união nacional, acarretam a redistribuição de todas as funções públicas e dissuadem de qualquer projeto de férias tanto as pessoas empregadas como as que aspiram a suceder a elas. Os jornais locais, que relatam as notícias da Europa em estilo declaradamente apocalíptico, abundam, por outro lado, em informações cuja apresentação, em páginas inteiras, torna dissonantes ("Durante vinte e cinco noites consecutivas verdadeiras chuvas de meteoros iluminarão o céu do mês de agosto"), e que alternam com receitas de aspecto sibilino ("Enrolados de acianos": mas essas palavras disfarçam simplesmente a torta de mirtilos). Tudo isso compõe, no ar admiravelmente límpido, uma tela de proteção muito eficaz contra a loucura do momento, como um vapor que em algumas manhãs se estende em todo o horizonte *("Alouette,* tabaco natural" diz candidamente esse maço de cigarros, com a figura de um pássaro cantando na relva, e, nesse princípio de canção que ele pisoteia, todo o velho Valois do Nerval jorra para se esgotar igualmente depressa. - *"Alouette, gentille alouette -Alouette, je te fume- rai"*).*

Subitamente a cortina desceu sobre a colônia de pássaros que ocupa apenas uma parte da costa nordeste da ilha. Eu não terei podido, desta vez, descobrir com o olhar o papagaio-do-mar, mas um *atobá* veio pairar muito perto, eu tive tempo para admirar sua cabeça cor de açafrão, seu duplo olho cor de esmeralda entre duas batidas de suas asas brancas orladas de preto (é o atobá de Bassan que comanda o rochedo de Bonaventure, onde seu gênero está representado por seis ou sete mil indivíduos. Contrariamente à gaivota de asas cinza-pérola e ao alcatraz de crista, ele não aparece na costa de Percé para participar do desmembramento dos bacalhaus, na hora do retorno dos pescadores). Mas um cabo foi dobrado: acabou-se, não apenas o fantasmagórico bordado jogado sobre esse imenso baú vermelho e preto com fechaduras azuis, mal saído do mar, mas também a orquestração.que dele é inseparável e que um dos nossos companheiros dizia só poder comparar convenientemente com aquilo que se ouve acima de Fez. De novo, apenas o chicote noturno das bandeiras. Os olhos se fecham, como depois de um deslumbramento. Em qual estrada esse chicote vergasta? Para onde vai tão tarde o carreteiro, talvez embriagado, que parece não ter nem mesmo uma lanterna? É fato que o vento pode tê-lo apagado. Nunca na vida alguém poderia imaginar que veria uma tempestade como essa! E a atrelagem imaginária se precipita numa fenda que se abre, que vai aumentando cada vez mais no flanco da rocha e, no espaço de um relâmpago, descobre o coração supliciado, o coração manante da velha Europa alimentando esses grandes rastos de sangue derramado. A sombria Europa, tão distante há apenas um momento. Sob meus olhos, os enormes

coágulos vermelhos e cor de ferrugem se configuram agora com manchas douradas excrementícias entre cascatas de reparos e de hélices azuis. Há até mesmo, maculando o conjunto, enormes salpicos de tinta como para atestar que um certo tipo de escrita, aparentemente muito praticada, não é nada menos do que um veneno mortal, um vírus que fomenta todo o mal... E, no entanto, sob esse véu de significado lúgubre, se eleva um outro bem diferente, com o sol. Todas essas estrias que se organizam, toda essa distribuição das camadas geológicas em planaltos ondulados e em degraus interrompidos, essas depressões bruscas, essas elevações às vezes totalmente inesperadas, essas zonas do rosa ao púrpura equilibrando outras do pervinca ao azul-mar por intermédio de praias transversais ora noturnas ora inflamadas, representam magnificamente a estrutura do edifício cultural humano na estreita complexidade de suas partes componentes, desafiando qualquer veleidade de subtração de uma delas. Sob essa terra móvel - o solo desse rochedo coroado de pinheiros - corre um fio sutil, impossível de ser rompido, que liga cumes, e alguns desses cumes são um certo século quinze em Veneza ou em Siena, um dezesseis elizabetano, uma segunda metade : de século dezoito francês, um princípio de dezenove romântico alemão, um ângulo de século vinte russo.. Sejam quais forem as paixões que levam em nossos dias a negar essa evidência, todo o futuro que o espírito humano deve ter em vista repousa sobre esse substrato complexo e indivisível. Coisa bem diferente será preparar-se, caso se deseje, para a volta de catástrofes análogas àquela que se termina pela eliminação de antagonismos de outra espécie, mas qualquer vontade de frustração nesse domínio, com fins de represália, não poderia ter outro efeito senão o de empobrecer - aquele que frustra. Mais vale querer se despojar a si mesmo. A civilização, independentemente dos conflitos de interesses não insolúveis que a minam, é *una* como esse rochedo em cujo topo repousa a casa do homem (da praia de Percé percebe-se apenas uma, de noite, através de um ponto luminoso que vacila no mar). Quem é ele? pouco importa. Esse ponto luminoso concentra tudo aquilo que pode ser comum à vida.

Agrupados acima de nossas cabeças, os pavilhões - de janelas apagadas para sempre continuavam a emborcar sua dose de ar. Eles eram do tamanho daqueles - de lona vermelha que em Paris ladeiam certas obras de - limpeza pública, e dos quais se destaca, em letras de fôrma pretas separadas por pontos, a inscrição "SADE" que inúmeras vezes fixou meu devaneio. Para a - bandeira vermelha, toda pura de marcas e de insígnias, eu sempre reencontrarei o olhar que pude ter aos : dezessete anos, quando, durante uma manifestação popular, nos primórdios da outra guerra, eu a vi desdobrar em milhares no céu pesado do Pré Sai: Gervais. E no entanto -eu sinto que racionalmente nada posso fazer -continuarei a estremecer ainda mais à evocação do momento em que esse mar flamejante, em lugares pouco numerosos e bem circunscritos, se viu esburacar pelo vôo de bandeiras negras. Eu não tinha então grande consciência política, e é necessário dizer que fico perplexo quando me atrevo a julgar o que me adveio daí. Porém, mais que nunca, as correntes de simpatia. e de antipatia parecem-me ter força para submeter a Si as idéias, e eu sei que meu coração bateu, continuará a bater com o próprio movimento desse dia. Nas mais profundas galerias de meu coração, reencontrarei sempre o vaivém dessas inumeráveis línguas de fogo das quais algumas se demoram lambendo uma soberba flor carbonizada. As novas gerações têm dificuldade em imaginar um espetáculo como o dessa época. Nenhuma espécie de tumulto no seio do proletariado se havia ainda produzido. A tocha da Comuna de Paris estava longe de se apagar, havia ali muitas mãos que a haviam segurado, ela unificava tudo com sua grande luz que teria sido menos bela, menos verdadeira, sem algumas volutas de espessa fumaça. Tanta fé individualmente desinteressada, tanta resolução e tanto ardor se liam nesses rostos, tanta nobreza também nos das pessoas de idade. Ao redor das bandeiras negras, certamente, os estragos físicos eram mais visíveis, mas a paixão havia verdadeiramente furado certos olhos, havia

deixado aí pontos de incandescência inesquecíveis. Seja como for, era como se a chama tivesse passado sobre eles todos, queimando-os somente mais ou menos, incentivando em alguns apenas a reivindicação e a esperança mais razoáveis, mais bem fundamentadas, ao passo que ela levava Outros, mais raros, a se consumir no próprio lugar, numa atitude inexorável de sedição e de desafio. Devido à própria natureza da condição humana, independentemente da condição social ultra-suscetível de ser melhorada que o homem construiu para si, mesmo essa última atitude, da qual, na história intelectual, não faltam ilustres defensores, chamem-se eles Pascal, Nietzsche, Strindberg ou Rimbaud, sempre me pareceu das mais justificáveis no plano emocional, fazendo-se abstração das razões bem utilitárias que a sociedade pode ter para reprimi-Ia. Não se pode deixar de reconhecer ao menos, para si mesmo, que somente ela é marcada por uma grandeza infernal. Eu jamais
esquecerei a calma, a exaltação e o orgulho provocados em mim, numa das primeiras vezes que, criança, levaram-me a um cemitério -em meio a tantos monumentos funerários deprimentes ou ridículos pela descoberta de uma simples mesa de granito onde se via gravada em letras de fôrma vermelhas a magnífica divisa: NEM DEUS NEM MESTRE. A poesia e a arte terão sempre um fraco por tudo aquilo que transfigura o homem nessa intimação desesperada, irredutível, que de tempos em tempos ele tem a irrisória sorte de fazer à vida. Ê que acima da arte, da poesia, independentemente de nossa vontade, encontra-se também uma bandeira sucessivamente vermelha e preta. Aí também o tempo urge: trata-se de fazer devolver à sensibilidade humana tudo aquilo que ela pode dar. Mas de onde vem essa aparente ambigüidade, essa indecisão final quanto à cor? Talvez só seja possível para um homem agir sobre a sensibilidade dos outros homens para moldá-la, para ampliá-la, se ele se oferecer a si mesmo em holocausto a todas as forças esparsas na alma de sua época e que, de maneira geral, procuram-se umas às outras apenas para tentar se excluir. Ê nesse sentido que o homem é, que
ele sempre foi, e que, por um misterioso decreto dessas forças, ele deve ser, ao mesmo tempo vítima delas e seu distribuidor. Ê o que ocorre necessariamente com um certo gosto pela liberdade humana que, convidado a aumentar, ainda que em proporções ínfimas, o campo de receptividade de todos, atrai sobre um só todas as conseqüências funestas da imoderação. A liberdade consente em acariciar um pouco a terra apenas por deferência àqueles que não souberam, ou souberam mal, viver, por tê-la amado loucamente... Mas deixemos separadamente uns reintegrarem seus par- I
dieiros de Charonne ou de Malakoff, e os outros retomarem suas histórias no bar. Que belas linhas com cem anzóis novos em folha, lá, bem enfileiradas. As bandeiras não nos conduzirão mais longe: a lancha está vindo pegar-nos para nos levar de volta à terra.

Embora usufruindo ao máximo este minuto, afasto incompletamente o tumulto que me invade o fundo da alma. Em mim, aquilo que minha própria situação, neste mesmo instante, tem de mais privilegiado, reforça ainda, por contraste, a consciência da parcialidade do destino que, lá, entrega tantos outros ao pavor, ao ódio, à carnificina, à fome. A dureza da época é tamanha, que mal se ousa declarar essas coisas, por vergonha de parecer querer ostentar bons sentimentos.

U ma das maiores forças da ética de guerra eclode no fato de que, ao proscrever na verdade esses sentimentos como enfraquecedores, ela consegue fazê-los passar por suspeitos, ou ao menos por seriamente deslocados. A mentalidade que daí resulta deve oferecer mais defesa do que nunca, no dia em que for relatado que os exércitos aliados chegaram às portas de Paris.

Que posso eu fazer, o sentido de um desnivelamento tanto maior me invade, e eu o considero como reconhecível, no único mundo que me importa, o mundo recuperado de seu furor. Não, a despeito de determinadas aparências, nem tudo ainda foi sacrificado ao Moloch militar. Quantas vezes, primeiramente na França e depois na América, pude observá-la com alívio, ou melhor, com a alegria do pleno reconforto, nos bastidores dessa guerra: nunca antes a poesia –eu não estou me

referindo à poesia de circunstância –foi tão plenamente saboreada. Parece até que inúmeros ouvidos que, se não fosse isso, teriam permanecido surdos, se abriram para ela. Ê fácil reconhecer nesse fenômeno a manifestação daquela necessidade de um desvio pela essência, a mesma que se experimenta a cada vez que é colocada em perigo a existência individual, ou mesmo a procura de qualquer ocasião especial no âmbito dessa existência. Eu quero dizer que quando a natureza dos acontecimentos tende a fazê-los tomar um rumo doloroso demais, as maneiras pessoais de sentir encontram para si involuntariamente um refúgio e um trampolim nas expressões mais perfeitas do inatural, isto é, aquelas em que um "atual" totalmente diferente soube fazer brotar, a ponto de se fundir a ele, a distância, o eterno. De que forma, naquela manhã, sobre o mar, se traduzia melhor a mistura de alegria e de apreensão suscitada pelo destino imediato de Paris, compondo-se com a aproximação e o afastamento do rochedo de pássaros de Bonaventure? Ela se traduzia pela declamação bem compenetrada de estrofes de Baudelaire. E não era eu quem recitava.

A infelicidade é tão grande, tão envolvente, quando se está lá, que poucos são os que se preocupam em procurar para ela equivalentes no tempo, o que no entanto teria tendência a fazer renascer alguma esperança: "Paris não é mais o palco de cenas ternas e galantes: já não mais se fazem lá brincadeiras; todos estão às voltas com seus infortúnios e sua miséria". A obra da qual tirei essa citação julga severamente o comportamento do chefe do Estado: "Ele concentra e gasta o que lhe resta de energia e de vitalidade em penosos e curtos esforços de pessoas velhas, em pequenos movimentos senis, no cumprimento de vontades breves e muito rudes... Farrapo humano que se apergaminha e se congela, ele continua a viver sua vida de sempre com uma pontualidade assustadora... Ele vive seu último inverno na desolação de seu castelo, onde as pessoas trocaram como presente de Ano Novo pequenos feixes de lenha, como se fossem jóias". Não se trata aqui da condição recente da França, mas sim de sua condição durante o último ano do reinado de Luís XIV, entretanto, aquilo que o autor, Virgile Josz, segundo Saint-Simon e outros, relata aí ainda da deplorável conduta da maioria das grandes e repugnante intrigas que se tramam na Corte, não deixa de nos exortar a prosseguir o paralelo. O que retém o escritor que acabo de consultar não é, aliás, esse cúmulo de horror, mas sim o projeto de fazer aparecer nessa tela sombria uma luz destinada no espírito dos homens a dominá-la, é a estrela que faz esquecer a lama, é a personalidade angélica de Watteau. A obra de Watteau conhece, com efeito, a ventura de, apenas com sua glória, nos fazer conjurar tudo aquilo que poderia ter de aterrador na consideração do egoísmo e da maldade dos homens nos períodos de dificuldades. Por mais tempo que se tenha feito esperar a libertação do regime sob o qual Watteau sofreu, onde vitalmente não significam mais nada para nós a angústia e as ignomínias de seu tempo, é ele que continua a reinar sobre nossa afetividade. E não é só: toda esta época atroz, somos cada vez mais levados a vê-Ia através do seu sonho. Ainda que ele diga respeito ao aparelho guerreiro daquele tempo: aqueles tricómios, aqueles correames, aquelas abas, ele celebra somente aquilo que resplandece aos olhos das moças e dispõe-nas a valorizar sua cintura fina, seus seios arredondados. Ele nos mantém longe dos horrores da batalha: a luta não admite outras proporções que não as do torneio galante de sempre, assim as belas não resistirão.

Essas privações, essas dores, que vão muito rapidamente arruinar sua saúde física, é maravilhoso vê-las se absorverem inteiramente num hino à glória unicamente da natureza e do amor. Assim, toda tempestade, ao primeiro dia de sol que retoma, encontra um meio de se esconder e de se negar numa pérola. Sob essas adoráveis folhagens por demais espalhadas e por demais vigorosas para pagar pelas querelas dos homens, tudo tende, deve tender no final das contas a se reorientar sobre as deduções da vida.

Uma mão de mulher, tua mão na sua palidez de estrela unicamente para te ajudar a descer, refrata seu raio na minha. Seu menor contacto se arboriza em mim e vai

em um instante descrever acima de nós essas abóbadas leves onde o céu revirado mistura suas folhas azuis aos vapores do álamo ou do salgueiro. No que me diz respeito, a que poderia eu dever esta remissão de um castigo que tantos outros suportam sem se sentir mais culpados do que eu o sou hoje? Antes de te conhecer eu havia encontrado a infelicidade, o desespero. Antes de te conhecer, ora pois, essas palavras não têm sentido. Bem sabes que ao te ver pela primeira vez, foi sem a menor hesitação que te reconheci.
E de que confins, dos mais terrivelmente vigiados de todos, não vinhas tu, que iniciação na qual ninguém ou quase ninguém é admitido não te havia sagrado aquilo que és. Quando eu te vi, havia ainda todo o nevoeiro, de.uma espécie indizível, em teus olhos. Como se pode, e sobretudo quem se pode renascer da perda de um ser, de uma criança que é tudo aquilo que se ama, e principalmente quando sua morte é acidental e que nessa criança, quase uma mocinha, encarnavam-se objetivamente (não foste tu a única a me dizê-lo) toda a graça, todos os dons do espírito, toda a avidez de saber e de experimentar, que refletem da vida uma imagem sedutora e .sempre variável através de jogo inteiramente novo, loucamente complexo e delicado, de tamises e de prismas? Esse drama, eu o ignorava: eu somente te via enfeitada com uma sombra azul como aquela que banha os juncos ao amanhecer e não podia desconfiar que vinhas de mais longe ainda, que, do desabamento das perspectivas que te eram caras a ponto de a elas submeter as tuas, não havias podido te impedir de querer fazer em ti a noite pura, e que a havias quase feito, que havia faltado apenas uma única falha pela qual te haviam inesperadamente trazido de volta. A cada vez que rememoras essas horríveis circunstâncias, eu não tenho em meu amor outro meio senão espiar às escondidas no fundo de teus olhos o sinal que determinou que a terrível passagem de nível desse bruscamente meia-volta, no momento em que havias tão profundamente penetrado ali. Somente ele é para mim garantia de tua total presença perto de mim, e do recuo gradativo, absolutamente necessário, das zonas cuja contemplação a curta distância só serve para reabrir as pálpebras da Medusa. Somente ele se tornou dono de todo o apelo da sombra. A parada que ele trazia para ti era imprescritível e sem apelo: quisesses ou não, estavas quite.
Já que a vida te quis contra tua própria vontade, não és aquela que pode se dar a ela apenas pela metade. A dor e até mesmo o sonho de sucumbir a isso terão sido para ti nada mais do que portas, abertas para a necessidade sempre renovada de comover, de sensibilizar, de embelezar esta vida cruel. Tu sabes como eu a vejo através de ti, plumas de rouxinol na sua cabeleira de pagem. Sua agitação te mantém, eu não conheço nada mais perturbador do que a idéia de que ela te invadiu inteira novamente. A ofensa era tão grande que apenas um semelhante poder de perdão podia estar à altura dela. Mais bela, a solução do mais temível de todos os enigmas estava em ser mais bela do que sempre havias sido. Mais bela por ter colocado do teu lado as Dominações. Mais bela por saber ainda consentir ao dia hora por hora, à relva talo por talo.
Mais bela por ter tido que retomar o filtro e por ser suficientemente bem-nascida para tê-lo levado a teus lábios sem reservas, passando por cima de tudo o que ele podia conter de terrivelmente amargo. Não foi necessário nada além 1a assistência de todas as forças que se manifestam nos contos para que das cinzas surgisse a flor-que-perfuma, saltasse o animal branco cujo olho longo desvenda os mistérios dos bosques.

Grandes órgãos do amor humano pelo mar, com seu movimento Inteiramente abstrato precipitando-se na cidade, pelo sol de meia-noite abrindo, ainda que apenas num casebre, as janelas sinuosas dos castelos de gelo, pelas vertigens que alisam suas asas a fim de se preparar para apanhar em diagonal, seja o anel inteiro de unia noite de primavera, seja o eco sem fim emboscado num verso ou em determinado membro de frase de um livro, seja o gemido dessa estrela de cobre de

várias toneladas, que a centenas de metros uma promessa de caráter insólito suspendeu a uma corrente I
ique liga dois picos acima de uma pequena cidade dos Alpes Baixos: Moustiers-Sainte-Marie. Esse amor, nada me impedirá de persistir em ver nele a verdadeira panacéia, por mais combatida que ela seja, depreciada e escarnecida com fins religiosos e outros.
Deixando-se de lado todas as idéias fraudulentas, insustentáveis de redenção, é precisamente pelo amor e somente por ele que se realiza no mais alto grau a fusão da existência e da essência, é somente ele que consegue conciliar de imediato, em plena harmonia e sem equívoco, essas duas noções, ao passo que fora dele elas permanecem sempre inquietas e hostis. Refiro-me obviamente ao amor que toma todo o poder, que concede para si toda a duração da vida, que só consente com toda certeza em reconhecer seu objeto num único ser. A respeito disso a experiência, mesmo quando adversa, nada me ensinou. No que me concerne, essa instância é sempre igualmente forte e tenho consciência de que eu só renunciaria a ela sacrificando tudo aquilo que me faz viver. Um mito dos mais poderosos continua aqui a me ligar, sobre o qual nenhuma renegação aparente no âmbito da minha aventura anterior poderia prevalecer. "Encontrar o lugar e a fórmula" confunde-se com "possuir a verdade numa alma e num corpo"; essa aspiração suprema é suficiente para desenrolar diante de si o campo alegórico, segundo o qual todo ser humano foi jogado na vida à procura de um ser do outro sexo, e de um só, que combine com ele sob todos os aspectos, a tal ponto que um sem o outro apareça como o produto de dissociação, de desmembramento de um único bloco de luz. Felizes, mais que todos, aqueles que conseguirem reconstituir esse bloco.
A atração, por si só, não poderia ser um guia seguro. O amor, mesmo esse do qual estou falando, deve, infelizmente, poder ser representado também. Na selva da solidão, um belo gesto de leque pode fazer crer num paraíso. Mas aquele que fosse o primeiro a denunciar o amor, estaria reconhecendo que não soube se colocar à altura das suas premissas. É impossível que se tratasse de dificuldade para nele se manter: uma vez reformado, o bloco destrói qualquer fator de divisão pela sua própria estrutura; ele se caracteriza pela propriedade seguinte: entre suas partes componentes existe uma aderência física e mental à prova de tudo. Uma concepção como essa, embora possa parecer ainda ousada, preside mais ou menos explicitamente às cartas de Heloísa, ao teatro de Shakespeare e de Ford, às cartas da Religiosa portuguesa, a toda a obra de Novalis, ilumina o belo livro de Thomas Hardy: Judas o
Obscuro. No sentido mais geral, o amor vive somente de reciprocidade, o que não implica que ele seja necessariamente recíproco, um sentimento bem menor que pode, de passagem, sentir prazer em nele se mirar, e até mesmo se exaltar um pouco com ele. Mas o amor recíproco é o único que condiciona a magnetização total, sobre o que nada pode ter domínio, que faz com que a carne seja sol e marca esplêndida para a carne,ti
que o espírito seja forte sempre emanadora, inalterável e sempre VIva, cuja água se orienta uma vez por todas entre o malmequer e o serpão.

O dia será belo, vejo-o filtrar-se nos teus olhos onde ele começou, mais turvo, a ser tão belo. Eles são dessa mesma água, nos pontos em que ela desliza ao sol sobre os sílices azuis, e o arco que de muito alto pende sobre eles é o mais solto, o mais sensível tufo da marta, não alguns reflexos que ele pode arrebatar, mas o estremecimento desse tufo distraído apenas pelo pensamento da pelagem do gracioso animal em estado de alerta. Tais tiros se espalham como flocos ao longe! E, sob relâmpagos, a imagem oblíqua da armadilha que na sua vontade contrária por duas vezes foi inexorável, incomensuravelmente ampliada na relva. Como na pupila dos teus olhos, é no entanto essa expressão familiar que dá conta daquilo que nos é o mais importante de tudo: assim, houve um dia em que tu não podias mais te apegar à pupila dos teus olhos, desses olhos nos quais o destino queria que

eu visse mais tarde o dia inteiro nascer. E que trama mágica não se desenrola aqui. A vida, como a liberdade, não se surpreende nem se encanta parcialmente a não ser com o fato de que ela se instrui por si mesma, eleva-se à consciência total dos seus meios e dos recursos, irradia também com todo seu brilho para outros olhos. Seu triunfo é, a cada instante. perturbador e cândido como as flores que, no inverno passado, nascem sobre os escombros. Em teus olhos há o primeiro orvalho dessas flores e teus lábios têm com as palavras essas afinidades em colares de reflexos sempre novos que fazem o luxo dos turbilhões. E também és bela com aquela beleza que sempre subjugou os homens, aquela beleza que eles temem e glorificam na pessoa de Helena, aquela beleza que a fatalidade tenta em vão destruir, cuja justificativa eterna perante os outros e si mesma, se necessário for, deve estar contida nestas palavras misteriosas: "Eu sou Helena". E essa beleza, para todos aqueles que estão aptos a reconhecê-la, parece ter sobre ti direitos, no sentido de que não eras livre para desaparecer nem para reaparecer com a máscara do sofrimento ou da lassidão, que continuavas a ter que prestar contas à vida de todos os teus ardores. É possível que a beleza só desabroche inteiramente a esse preço. Um toque, e o mais suntuoso de todos, sempre lhe faltará se as circunstâncias pouparem-na de ser tão duramente enérgica. O alto da montanha só assume forma verdadeiramente divina na névoa do teu olhar, na asa da águia dourada que passa pelos teus cabelos.

E eu te amo porque o ar do mar e o da montanha, confundidos aqui na sua pureza original, não são mais isentos de miasmas nem mais embriagadores do que o de tua alma onde passou a maior rajada, confirmando-a solenemente e com todo rigor na sua natural disposição para resolver tudo, e, para começar, as mínimas dificuldades da vida, pela efusão de uma generosidade sem limites que por si só seria prova suficiente daquilo que possuis com exclusividade: o sentido absoluto da grandeza..

Aqui está, à leveza de teu pé, o parapeito tão pouco seguro que é necessário sustentá-lo à noite com pesadas pedras, o que não impede que, quando bem lhe aprouver, a tempestade o trate como um brinquedo de palha, aqui está a areia fina constelada de umbelas pelo pisar dos pássaros. A ilha Bonaventure, a algumas milhas, conserva sua miragem: segundo a lenda, ela foi o refúgio de um ogre que, transpondo de uma só vez esse braço de mar, vinha raptar as mulheres e as jovens da costa, com as quais ele enchia seus amplos bolsos. De volta para sua casa, depois de haver terminado sua refeição, ele lavava sua roupa em água abundante e colocava-a para secar nos altos penhascos. Não poderia haver melhor forma de a imaginação popular retratar a persistência acusadora e irradiante das máculas da rocha, dos esforços sobre-humanos e da prodigiosa quantidade de espuma de sabão jorrando perpetuamente representada por essas plumagens brancas que foram impotentes para fazê-las desaparecer.

Qual lavagem não menos trabalhosa conseguirá apagar do espírito dos homens as grandes cicatrizes coletivas e as lembranças lancinantes destes tempos de ódio! Qual asilo sagrado não deverão eles erigir em seus corações para todas as idéias que, como os atobás em seus ninhos, lutarão para ultrapassar esta época ou, com seu vôo faustoso e livre, contribuirão para transfigurar este pedaço de muro trágico! Qual lugar especial não será conveniente que eles reservem para a expressão do amor, como esses nichos no flanco da rocha, chave da parada geral, onde nos eram mostra-

dos os pássaros que se abrigavam de dois em dois! O amor, a poesia, a arte: são as únicas forças que farão com que a confiança seja restabelecida, e o pensamento humano consiga retomar seu vôo. Não se poderá recomeçar a contar com a ciência a não ser quando ela se houver esclarecido a si mesma sobre os meios para remediar a estranha maldição que a atinge e que parece destiná-la a acumular tão intensamente mais enganos e desventuras do que benefícios. Sem falar

das medidas de saneamento moral que se impõem nesta sombria véspera de duas vezes o ano mil, e que são de ordem essencialmente social, para o homem tomado

isoladamente não poderia haver esperança mais válida e mais extensa do que a do bater de asas.
Aqui está, novamente, perpendicular à crista das ondas, a essa linha pontilhada levemente sinuosa rente à água que os garimpeiros de ágatas retomam em fila todos os dias, o próprio Rocher Percé, tal como ele se delineia na esquadria de nossas janelas e cuja imagem eu assim levarei para muito longe. Ao contorná-lo há pouco, eu lamentava não poder, de demasiado perto, descobri-lo na sua totalidade" e que novas disposições de sua massa fizessem surgir imagens diferentes daquela que eu me havia formado. É necessário conservar apenas esta última, sempre que se tratar de representar para si estruturas complexas como essa. É aliás principalmente sob esse ângulo, isto é, visto do oeste, que ele despertou a atenção aos fotógrafos. "Rocher Percé: 280 pés de altura na proa, 250 pés no lugar mais largo, 1420 pés de comprimento", diz laconicamente um prospecto de propaganda e, se não me é tão desagradável copiar essas cifras, é porque no relato de tais dimensões eu não ficaria tão surpreso caso se manifestasse o número de ouro, a tal ponto em suas proporções o Rocher Percé pode passar por um modelo de precisão natural. Ele se apresenta em duas partes que, do lugar de onde tenho o hábito de observá-las, parecem levar uma existência distinta, a primeira despertando inicialmente a idéia de um navio à qual vem se superpor a de um instrumento musical de tipo antigo, a segunda a de uma cabeça de perfil um pouco perdido, cabeça de um porte altivo, com uma pesada peruca Luís XIV. A proa do navio avançando para o norte em direção à praia, uma grande brecha se mostra na sua base, ao nível do mastro traseiro. Elevando-se acima do mar a aproximadamente sessenta pés, essa brecha podia, há poucos anos, antes que uns desmoronamentos colocassem obstáculos a isso, servir de passagem para os veleiros. O fato é, porém, que ela permanece ainda essencial para a apreciação sensível, e que nela reside a qualidade verdadeiramente única do monumento. Seja qual for sua exigüidade relativa face à amplidão do casco que ela mina, ela comanda com efeito a idéia de que o suposto navio- é também uma arca e é admirável que as correntes que arrebentam ao longo de toda a encosta encontrem nela uma saída para aí se entranhar, ainda mais frenéticas. Essa brecha é sem dúvida por si só aquilo que impõe a semelhança segunda com uma espécie de órgão longínquo, esse instrumento também mais do que qualquer outro desde o dia em que tentando identificar o rosto e a atitude da cabeça de pedra virada para ele, pensaste que poderia ser a de Haendel, para imediatamente te corrigir: Haendel? mas claro que não: Bach.
,
Os geólogos e os paleolitólogos estão extremamente à vontade em toda a península da Gáspia onde
eles computam os deslizamentos imemoriais de terrenos, cuja ocorrência pode por vezes ser comprovada por uma simples pequenina pedra vestida de arlequim, uniformemente polida pelo mar. Eles se passam de mão em mão os magníficos fragmentos encontrados na beira da Grande Greve onde se cruzam em todos os sentidos as torres aladas das caudas de trilobitas, e que evocam as placas mais bem trabalhadas do Benim, distanciando-as porém o mais possível do jogo de suas luzes bege, prateada e lilás. Há, através de tudo aquilo que se pisa, alguma coisa que vem de tão mais longe que o homem e que vai para tão mais longe também. Naturalmente isso é verdade em qualquer lugar,
mas é mais visível num lugar onde cada passo traz essa lembrança devidamente circunstanciada. Uma ótica resulta daí, bem diferente daquela, a curto prazo, que tende a prevalecer nas cidades. A grande inimiga do homem é a opacidade. Essa opacidade está fora dele e ela está sobretudo nele, onde as opiniões convencionais e todos os tipos de proibições suspeitas mantêm-na viva. As pessoas se surpreendem às vezes pensando que o destino do gênero humano foi decidido para todo o sempre em uma série de jogadas muito longe de serem todas felizes, mas que foram homologadas como definitivas por uma invencível preguiça, que fez com que o homem tivesse escrúpulos em voltar atrás sobre elas. Parece, no entanto,

que a partida poderia ter sido conduzi da de forma muito diferente e sobretudo que as calamidades cada vez mais gerais que marcam o desenvolvimento dela deveriam atestar que, sob diversos aspectos, ela foi mal dirigida. Encabeçando os erros iniciais que continuam sendo para nós os mais prejudiciais, encontra-se a idéia de que o universo só tem sentido apreciável para o homem, ao passo que ele inexiste, por exemplo, para os animais.
O homem se vangloria de ser o grande eleito da criação. Tudo aquilo que o transformismo pôde revelar a ele sobre sua origem e sobre as necessidades biológicas gerais que fixam um fim à própria duração de sua espécie permanece na verdade letra morta. Ele persiste em ver e agir como se essas revelações, acabrunhantes para seu orgulho, não houvessem ocorrido. As próprias reservas que os filósofos ensinaram-lhe a ter quanto às capacidades do seu entendimento aparecem em seus propósitos apenas formalmente, e não o dissuadem em hipótese alguma, no seu foro interior, de dispor das causas finais como se elas se reportassem obrigatoriamente a ele. Seus incessantes
dissabores nunca tiveram força suficiente para fazê-lo tomar coI1sciência da indigência dos seus critérios. A facúndia que ele recebe como partilha e o otimismo tumultuante de que ele é dotado levam-no a se felicitar ruidosamente pelo estado de seus conhecimentos, ao passo que o maior número vive numa incuriosidade real crescente e que esses conhecimentos, cada vez mais centrados no conforto imediato que não é nada mais do que uma zombaria do progresso, não se realizam por não se voltarem com estrondo contra ele. Suas idéias são uma soma, sim, uma soma de postulados
sem rigor, que poderiam ter sido diferentes e continuam a desfiar imperturbavelmente suas conseqüências ao mesmo tempo que grande número deles está definitivamente invalidado. O destino dessas idéias parece ser, aconteça o que acontecer, o de não tornar a percorrer o trajeto prévio que elas seguiram. O homem encontra-as estreitamente canalizadas quando nasce, e ele somente é livre para fazê-las progredir dentro de um caminho totalmente traçado. Esse caminho é ladeado de edifícios -a igreja, a escola, o quartel, a fábrica, a loja, o banco, novamente a igreja -e de estátuas entre as quais as cheias, muito raras, que constituem provas de glórias reais, distinguem-se
muito lentamente das vazias, inumeráveis, que tendem a consagrar as glórias usurpadas. (Estas últimas, aliás, não demonstram ser as menos inabaláveis –que me baste dar como exemplo típico disso La Fontaine, cognominado como por antífrase "o bonachão", a despeito, antes do meu, dos protestos de Jean-Jacques Rousseau e de Jean-Henri Fabre, La Fontaine que continua, sem a menor qualificação, a passar por um poeta e a usufruir, na França, da estarrecedora prerrogativa de ser o primeiro educador da juventude.) Assim, na multidão desses pedestais e dessas estelas seria inútil procurar o lugar dos grandes aventureiros do espírito, daqueles que pegaram o homem em cheio, intimaram-no a se conhecer em profundidade ou coagiram-no a justificar os seus pretensos ideais -eles se chamam Paracelso, Rousseau, Sade, Lautréamont, Freud, eles se chamam Marat, Saint-Just... a lista deste lado seria longa. E aqueles que estou citando, com apenas uma ou duas exceções, somente fizeram ato revolucionário no plano relativo. Quando existirá enfim um laboratório novo em folha onde as idéias recebidas, sejam quais forem, a começar pelas mais elementares, pelas mais apressadamente colocadas fora de questão, não serão mais aceitas a não ser para estudo, sob reserva de exame de cima a baixo, por definição fora de qualquer preconceito? Eu garanto que essas idéias levariam um dia para daí em diante somente serem acolhidas, registradas, sob reserva de verificação. Parece-me, particularmente, que ninguém poderia se mostrar a priori severo demais na abordagem da lógica, que em nossos dias chegou ao auge do endurecimento, e que a moral não pode sem impudência pretender nada melhor do que conciliar o maior número possível de interesses humanos, o que exige para começar que ela renuncie a se fundamentar sobre considerações extraterrestres ou sobre restos miseráveis destas, Seria extremamente necessário, extremamente urgente, remediar aquilo que pode ter de

limitador e de aflitivo o conceito de tempo, ao menos da forma como o Ocidente o concebeu e, correlativamente, evitar, por uma visão mais convincente da sua necessidade, que o homem considerado civilizado continue a se fazer da morte um espantalho, enquanto sobre esse ponto o selvagem pode ser para ele um modelo de dignidade, Ê a esse preço e a esse preço somente que as grandes instâncias humanas sempre oprimidas, a aspiração à verdade, à beleza, e até mesmo à bondade, ou pelo menos o poder de amor, conseguiriam tomar a dianteira e regenerar o mundo tão depressa quanto ele teria sido destruído, Assim se abririam, imensos, campos de descobertas perante os quais aqueles que nós conhecemos seriam magras concessões horrivelmente gradeadas, Nós queremos, dizia estranhamente Apollinaire no seu último poema,
"Nós queremos explorar a bondade, região enorme onde tudo se cala".
Cedendo às pressões dos séculos, o único erro desse poema foi ter pedido desculpas por isso,

Seria conveniente 7 antes de mais nada, acabar com a idéia de que a cultura humana, da forma como ela é difundida pelos manuais, é o produto de uma atividade ordenada e necessária, ao passo que ela foi edificada sobre o arbitrário e aceitou seguir o caminho geral que lhe designava a rotina, Não há absolutamente nada de fatal no fato de que ela conseguiu chegar a este ou àquele nível, uma vez que nada na sua essência própria criava obstáculos a que ela se desenvolvesse, senão livremente, ao menos sob pressões bem diferentes. Nenhum determinismo válido, no interior de seu quadro, justifica portanto a aparência de solidez da maioria das idéias que são transmitidas de ge-
ração em geração e sobre as quais vem se formar durante o processo um mínimo de idéias originais que evitam transgredir as primeiras em outros pontos que não os de detalhes. A educação atual é inteiramente defeituosa na medida em que, dizendo-se positiva, ela começa por abusar da confiança da criança dando-lhe como verdade aquilo que é apenas ou uma aparência provisória ou uma-hipótese, quando não for uma contraverdade manifesta; na medida também em que ela impede a criança de formar para si no tempo desejado uma opinião por si própria, imprimindo-lhe de antemão certas marcas que. tornam ilusória sua liberdade de julgamento. Os próprios fatos que lhe são apresentados como vividos, com os quais se decide povoar sua memória, que são dados como alimento à sua jovem exaltação, são amplificados, ou reduzidos, e até mesmo misturados com ficções, ou, no mínimo, oferecidos de forma tendenciosa para as necessidades de uma causa da qual o mínimo que se pode dizer a respeito é que ela não é a do homem, mas sim a de uma certa casta de indivíduos. Basta, por exemplo, folhear um curso elementar de história da França -eu nem mesmo falo das edições revistas e expurgadas que devem ter sido distribuídas nestes últimos anos -par.a pegar em flagrante delito aqueles que, atribuindo-se a honra de operar sobre as consciências virgens, só conseguem na maioria das vezes estropiá-las para todo o sempre. Fora Robespierre, Luís XVI era aliás um bom rei, embora um pouco fraco (sic) , mas o verdadeiro herói nacional continuará a ser honrado na pessoa de Napoleão: eram essas as idéias geralmente indeléveis que a República francesa suportava que se inculcassem em crianças cuja imensa maioria não ultrapassaria o curso elementar. Felizmente, a classe muito consciente dos professores primários resolveu tomar todas as liberdades que se impunham a partir de determinados dados do programa. Entretanto, não foi essa parcialidade escandalosa, esse espírito incorrigivelmente reacionário, o que mais me chamou a atenção neste caso, mas sim tudo aquilo que pode no seu procedimento aparentar os historiadores supracitados aos mitógrafos, com uma única diferença para total desvantagem deles: os primeiros consideram como exato aquilo que os outros expõem como mítico. É principalmente se nos detivermos nas ilustrações desses pequenos livros escolares -ilustrações cuja lembrança, eu insisto nisso, terá obcecado várias gerações que não podemos evitar semelhante assimilação. Essas ilustrações não ajudam, com efeito, a compreensão

do livro, nem tampouco comentam seus episódios mais salientes, e essa observação se aplica igualmente às histórias destinadas a impressionar os espíritos jovens e que tomam com a maior facilidade um rumo estranhamente supérfluo, ou pelo menos irracional, e ao mesmo tempo muito concreto: sua intriga parece se desenrolar totalmente à margem do relato histórico propriamente dito e eu não posso impedir-me, a distância, de vê-los adquirir um caráter oculto muito acentuado. Sua trama é em grande parte diferente da do quadro geral do qual ela não mais copia nem mesmo alguns contornos. Parece, além do mais, introduzirem-se aí intenções simbólicas secretas: homens de idade vestidos de branco colhem visgos nos carvalhos por meio de foices de ouro, "Lembra-te do vaso de Soissons", Carlos Magno visita uma escola e repreende as crianças ricas, Filipe o Belo fabrica dinheiro falso, Carlos VI tem um encontro agitado na floresta de Le Mans, uma jovem pastora ajoelhada recebe instruções de São Miguel e de Santa Catarina, a mesma na fogueira, Henrique 111 e seus "garotos" jogando bilboquê, Henrique IV acossa ao longo de uma encosta um certo Mayenne, a Eminência parda, o Rei:'Sol, Luís XV criança mata os pássaros num viveiro, esse excelente Luís XVI consagra seus lazeres à serralheria (no que diz respeito à Revolução francesa, previne-se gentilmente o aluno que ele terá informações sobre ela quando for mais velho), Napoleão sob todas as suas facetas, seu chapéu, etc" mas sobre o século dezenove apenas o necessário para que a obra se encerre com uma bela vista da praça da Opera, Seria possível conceber um desdém mais perfeito das justas proporções e não se diria que o autor visa ali a um objetivo muito menos ingênuo do que sua linguagem bonachona daria a perceber, que ele está muito menos preocupado em testemunhar com veracidade do que em agir sobre o inconsciente por uma parábola cujo sentido e unidade ele detém e que coloca à sua mercê todos aqueles que serão instigados a aprender apenas seu sentido literal? O fato é que esse comportamento ambíguo, num domínio em que a mais rigorosa autenticidade seria de regra, atrairia por si só todas as desconfianças, Dentre as idéias recebidas, as idéias históricas, enquanto a história se inscrever no âmbito nacional, obrigam às mais expressas reservas, Aqui como em outros lugares, mas aqui particularmente, um banho de ceticismo prolongado seria recomendável a um prazo muito curto, Somente se poderia falar em novo humanismo no dia em que a história, reescrita após haver sido acertada entre todos os povos e limitada a uma única versão, consentir em tomar como tema o homem inteiro, do mais longe que os documentos o permitirem, e em dar conta com toda objetividade dos seus feitos e gestos passados sem deferências especiais à região que este ou aquele habita e à língua que ele fala. A arte e a ciência, no que lhes diz respeito, conhecem mais ou menos esse estado de graça: é difícil compreender por que ele não poderia ser estendido aos demais ramos de atividade intelectual. Seria necessário dizer que não se vê brotar nada que 'anuncie essa trégua de paixões das mais desarrazoadas, da qual poderiam resultar tempos menos cruéis.

Caras sombras acuadas durante muito tempo entre fogos contrários, vocês ontem quase curvadas, sombra frenética de Charles Fourier, sombra sempre fremente de Flora Tristan, sombra deliciosa do Père Enfantin, as zombarias de que vocês foram alvo não as dominarão indefinidamente, e quero acrescentar que somente elas preveniriam os poetas em seu favor. Uma grande reparação lhes é devida, os acontecimentos atuais preparam-na, eles bem que poderiam torná-la muito próxima e essa reparação deverá ser tanto mais, estrondosa quanto mais tardia ela for. Por mais que a sociologia se julgue importante, proclamando com uma insistência um pouco demasiada que atingiu a idade adulta, eu não vejo por que ela teria o direito de revestir de inconsistência e de ridículo contribuições como as suas onde uma ousadia que ainda não conhece limites não cessou de se colocar a serviço da extrema generosidade. Os chistes que, em arte, acolheram, sem conseguir desencorajá-lo, o esforço de um douanier Rousseau, destinado a desenvolver suas possibilidades de expressão instintivas fora dos preceitos da

escola, a indiferença da parte de algumas pessoas vagamente condescendentes que continua a se exercitar às custas de um facteur Cheval, que conseguiu, com os piores recursos da sorte, dar corpo ao seu sonho, se voltam hoje ou se voltarão amanhã contra aqueles que tiverem acreditado poder tornar fortes os espíritos diante de si. O que sempre me envolveu apaixonadamente em obras como as deles, é que elas provocam estrondo em seu tempo, produzem-se totalmente ao largo da linha cultural característica de uma época, e também rendem um tributo muito mais amplo do que os outros às aspirações e aos temores que constituem o patrimônio comum da humanidade. Se reivindicação humana, para ter a oportunidade de triunfar parcialmente no plano prático, tem de ser aplicada em pontos precisos e para isso colocar a ciência do seu lado, não deixa de ser verdade também que, sob pena de empobrecimento afetivo que a tornaria estéril e, para dizer a verdade, já a ameaça, ela deve mergulhar novamente e se fundir às vezes no desejo sem freio do bem-estar coletivo cada vez maior, muito rapidamente taxado de utopia por aqueles a quem ele causa individualmente inquietação. Que isso não desagrade, por outro lado, às grandes figuras bem pouco indulgentes e cuja expressão desdenhosa aqueles que as reivindicam como mestres forçaram ainda mais a distância, que presidem o destino do socialismo científico, as grandes bagaceiras não poderiam fazer com que tivéssemos compaixão dos vinhos claros. Através de seus exageros e de tudo aquilo que neles procede da embriaguez imaginativa, não se pode deixar de atribuir aos escritores reformistas da primeira metade do século dezenove, no mesmo grau que aos artistas primitivos, o beneficio do extremo frescor. Desse frescor, estamos particularmente ávidos hoje em dia. No domínio social como em outros, não se pode esperar que, da confusão ideológica sem precedentes que marcará o fim desta guerra, surgirá um número suficientemente grande de propostas radicais formuladas fora' dos contextos e que, desafiando a acusação de ingenuidade assim como a de antecipação gratuita e sem conseqüências, farão, diante da carência provisória da linguagem do espírito, falar alto a linguagem do coração e dos sentidos. Esperemos que essa linguagem coloque novamente em apreço os grandes temas que lhe são próprios "-- como aquele que tende a consagrar a carne no mesmo grau que a alma, a fazê-las passar por não dissociáveis -e que são dominados pela idéia da salvação terrestre pela mulher, da vocação transcenden- tal da mulher, vocação que se viu sistematicamente obscurecida, contrariada ou desviada até nós, mas que nem por isso deverá deixar de se afirmar triunfalmente um dia, com o supremo auxílio do próprio Goethe.

A geometria de uma época não inteiramente acabada exigiria para se edificar o apelo a um observador ideal, indiferente às contingências dessa época, o que antes de mais nada implica a necessidade de um lugar de observação ideal e, se tudo me impede de substituir esse observador, não deixa de ser verdade que nenhum lugar me pareceu se adequar tão bem às condições exigidas como o Rocher Percé, da forma como em certas horas ele se descobre para mim. Ê quando, ao cair da noite ou em certas manhãs de nevoeiro, velam-se os detalhes da sua estrutura, que se aperfeiçoa nele a imagem de uma nave sempre imperiosamente comandada. A bordo tudo revela o golpe de vista infalível do capitão, mas de um capitão que seria também um mágico. Isso porque a embarcação, instantes atrás desprovida de seus apetrechos, parece subitamente equipada para a mais vertiginosa das viagens de longo curso. Explica-se, com efeito, que a água que se acumula no outono nas fendas do rochedo congela-se durante o inverno, ocasionando a distensão continua da crosta que se mostra nos montes de entulhos anuais de aproximadamente trezentas toneladas. Os entendidos nessas matérias não nos isentaram, bem entendido, da operação aritmética pueril que, uma vez avaliado o peso total do rochedo em quatro milhões de toneladas, permite deduzir o tempo global que ele deve levar para desaparecer, a saber, treze mil anos. Por menos autorizado que seja esse cálculo, ele não deixa de ter a virtude de colocar o enorme bloco em

movimento, de provê-lo de motores cuja potência esteja em relação com o muito lento e no entanto muito perceptível processo de desagregação pelo qual ele passa. É belo, é comovente que sua longevidade não seja sem fim e que ao mesmo tempo ela cubra uma tão grande sucessão de existências humanas. Na sua profundeza tem-se mais do que tempo para ver nascer e morrer uma cidade como Paris onde tiros ecoam neste momento até o interior da Notre-Dame, cuja grande rosácea se volta. E eis que essa grande rosácea vira e gira no rochedo: sem a menor sombra de dúvida esses tiros representavam um sinal combinado, pois a cortina se levanta. Já se afirmou que, diante do Rocher Percé, a pena e o pincel deviam confessar-se impotentes e é verdade que aqueles que são convidados para falar dele o menos superficialmente possível julgarão haver dito tudo quando houverem comprovado a magnificência dessa cortina, quando a voz deles subitamente mais grave houver tentado restituir seu brilho sombrio, quando eles houverem conseguido colocar alguma ordem na modulação da massa de ar que vibra nas suas tubulações magistralmente contrariadas. Mas, na falta de saber que aquilo é uma cortina, como poderiam eles suspeitar que a sua esmagadora roupagem esconde um palco de vários planos? E antes de tudo atrás dele se arquiteta, sob forma de prólogo, um conto infantil cuja única alçada é regular as luzes: a dura geada de cabelos brancos quase não mais enxerga ali; sua estrondosa comida de feiticeira, ela não sabe mais fazê-la a não ser nos grandes caldeirões, na porta de casa. Seja qual for sua raiva por não poder transformar tudo em migalhas, cada vez que sai ela deve fechar a sete chaves a garotinha que deve vigiar o seu haifang. Mas o pássaro ganhou a confiança da criança instruindo-a sobre as auroras boreais: em troca daliberdade, ele deu a ela o segredo para acender instantaneamente, em qualquer canto que ela queira do acre compartimento, um olho cintilante e fixo, semelhante ao dele -basta tocar uma casca de noz vazia com uma palha úmida da vassoura. Como esse jogo se revela o mais cativante de todos e a garotinha, de tanto ouvir o harfang, adquiriu uma vista suficientemente penetrante para poder se oferecer um baile através do buraco de uma agulha, ela não demora em passar a palha encantada por todos os orifícios possíveis, desde o picotilho da escumadeira até o buraco da fechadura, desde o furo de um sapato velho até a última botoeira de roupa. E tudo isso começa, não apenas a olhar, mas também a emitir luz, e todas as luzes preparam-se para comunicar, conservando porém os aspectos distintivos de suas fontes: umas partem de uma amêndoa azul na qual foi aberta uma janela atrás da qual se acende uma lâmpada, outras de uma grossa saraiva que começa a fundir numa rua empoeirada, outras de uma meada de seda verde desbotada pelas garras do gato preto, outras daquilo que pode secar o sangue do dedo de uma bela árabe, por causa de uma picada de roseira. No lugar em que eu faço essa garotinha aparecer, no lugar em que, para pintar ainda que uma única ágata de Percé, eu queria fazê-la pular corda no interior das pedras, os químicos obstinar-se-ão em não ver nada além da sílica que, levada pela água, deposita-se e cristaliza-se nas cavidades minerais. Mas foi suficiente que a garotinha se dirigisse para a vassoura para fazer com que eles batessem em retirada. E pronto: todas as luzes comunicam. A velha choupana não existe mais, a vassoura transformou-se numa garça que abre suas penas sobre toda a extensão do rochedo. O corpo da garça veio com a maior naturalidade inserir-se nas pequenas fendas da brecha, no mesmo lugar onde tanto me agradou tomar o ângulo de visão necessário para ver o Sol nascer, e é esse corpo vaporoso que suporta toda a arca agora sem peso. Num palco giratório, os elefantes brancos encadeados ao ritmo do vento e das ondas permanecem com o joelho dobrado fazendo girar na mesma cadência as luas das suas unhas, suas trombas elevadas em direção ao céu produzindo apenas com seu simples balanço insensível a imagem agora transparente do rochedo. Ali onde, há pouco, não se podia ver nada além dos rastos sinuosos do quartzo, essas trompas por sua vez se perdem na luz difusa para dar lugar a mil arautos carregadores de estandartes que se espalham em todos os sentidos. Nesses paveses claros com franjas douradas, ninguém se lembraria de reconhecer tudo aquilo que ergueu e se ergue ainda de tecido rude acima dos empreendimentos perigosos dos homens. E é

no entanto todo o vagalhão desses pendões, comandado, já o vimos, por uma recusa da bandeira pirata e exposta a uma transmutação deslumbrante, que se apodera do rochedo a ponto de parecer constituir toda a sua substância. E a proclamação, anunciada com estrondo nos quatro cantos do mundo, é com efeito de importância, uma vez que das bocas irradiantes guarnecidas com seda da cor do arco-íris só se propaga aos quatro ventos a notícia de sempre: a grande maldição foi afastada, é no amor humano que reside toda a força de regeneração do mundo. "E um anjo forte levantou uma pedra semelhante a uma grande mó de moinho e lançou-a no mar dizendo: 'É com esse estrondo e com essa impetuosidade que cairá esta grande Babilônia e não a veremos mais'." Mas a profecia se esquece de dizer que existe uma outra pedra semelhante a uma grande mó de moinho que lhe faz exatamente contrapeso na balança das ondas, que se eleva tumultuosamente, impetuosamente, sobretudo porque a outra afunda: é o amor do homem e da mulher que a mentira, a hipocrisia e a miséria psicológica impedem ainda de desabrochar inteiramente, esse amor que historicamente para nascer teve que "driblar" a vigilância das velhas religiões furibundas e que começa a balbuciar tão tarde, no canto dos trovadores. E na pedra que sobe, sempre una com o rochedo que contemplo, sustentam-se transpassados por todos os raios da Lua, os contrafortes dos velhos castelos da Aquitânia e aliás, em segundo plano, o de Montségur, que ainda está em chamas. Ali, essa janela presa na hera, essa janela com vitrais vermelhos estrlados pelos relâmpagos, é a janela de Julieta. Esse quarto, no primeiro andar de um albergue perdido do vale, cuja porta deixada aberta dá passagem a todos os músicos do ribeirão, é aquela onde Kleist, pronto para desarmar para sempre a solidão, passou sua última noite. Essa pálida torre, ao longo da qual se expande uma cascata dourada que vem se perder na areia, é a torre de Mélisande, como se seus olhos goteira de andorinha de abril e sua boca árvores em flor não estivessem perto de mim nesta cabana de onde estamos olhando. Na pedra que sobe, agora toda embebida de azul mas arranhada por clarões errantes da cor do carmim -a ponto de fazer crer que o bom sangue humano não pode falhar pode-se ver ainda o navio levantar âncora, com suas chaminés expelindo em grandes espirais o fascinador vencido que não é sob hipótese alguma aquele que as pessoas dizem ser, mas sim a jibóia que se enrolava nos meandros da rocha pesada e que, quando o pensamento saía daqui em direção a outras regiões, vinha soprar, ou então abrir sua goela triangular na chanfradura. Ê ele, tivemos tempo para reconhecê-lo, ele o único artesão da opacidade e da infelicidade, aquele que triunfa sem lutar: "Nem morto, nem vivo. Nevoeiro. Lama. Sem forma", aquele que se designa ao jovem Peer Gynt: o grande Courbe. Não resta a menor dúvida de que ele renasce mais impudente e mais frouxo que nunca dos pretensos arrependimentos e das veleidades irrisórias de melhoria que serão saldadas com numulárias ao fim desta guerra. No entanto, essa arca permanece, por que será que não posso fazer com que todos a vejam, ela está carregada de toda a fragilidade mas também de toda a magnificência do dom humano. Inscrustada no seu maravilhoso iceberg de pedra lunar, ela é movida por três hélices de vidro que são o amor, mas da forma como entre dois seres ele se eleva até a invulnerab1l1dade, a arte, mas somente a arte que chegou a suas mais altas instâncias, e a luta até a morte pela liberdade. Observando-o mais distraidamente da margem, o Rocher Percé só é alado por causa dos seus pássaros.

<t1>Melusina depois do grito, Melusina abaixo do busto, vejo cintilar suas escamas no céu de outono. Sua deslumbrante forma em espiral encerra agora por três vezes uma colina arborizada que ondula em vagas segundo uma partitura onde todos os acordes se regulam e repercutem sobre os da capuchinha em flor. Alguns talhos teriam sido efetuados para entregar essas encostas ao esqui, é ao menos tudo o que a interpretação profana quer fixar, mas seria necessário admitir então que muito antes da neve suas curvas são polidas com o mais belo orvalho, o orvalho

azul que, quando se toma o cuidado de andar ao acaso evitando todos os caminhos trilhados ou até mesmo esboçados –e essa deve ser a única regra da arte -vem impor, todo em brilhantes, suas palmas de desespero do pintor às janelas mentais. Melusina, é certamente sua cauda maravilhosa, dramática, perdendo-se em meio aos pinheiros no pequeno lago que por isso toma a cor e a forma alongada de um sabre. Sim, é sempre a mulher perdida, aquela que canta na imaginação do homem mas ao cabo de quantas provas para ela, para ele, deve ser também a mulher reencontrada. E antes de mais nada, é necessário que a mulher se reencontre a si mesma, que ela aprenda a se reconhecer através de seus infernos para os quais a destina sem sua ajuda mais que problemática a forma pela qual o homem, em geral, a enxerga. Quantas vezes, no decorrer desta guerra e já da precedente não esperei eu que ecoasse o grito abafado há nove séculos sob as ruínas do castelo de Lusignan! A mulher é, no final das contas, a grande vítima desses empreendimentos militares. Jamais esquecerei os braços da mulher, em certas noites de Paris, na estação do Leste, a admirável, a perturbadora figura que eles compunham. Era mais o braço do que o rosto que, no ar já raro e falso, tinha então essa inflexão única. O braço daquelas que amavam verdadeiramente, que perdiam tudo, esse braço da Tétis de Ingres, esse braço feito para segurar e para suspender, esse braço também que se torna tão emocionante e ligeiramente inquietante pela lassidão da articulação do cotovelo, que lhe possibilita dobrar-se um pouco para trás (em semelhante circunstância a possibilidade de um gesto como esse se torna trágica). A mulher toda, tudo aquilo que não está irremediavelmente alienado nas formas de sentir que lhe são próprias, passa no movimento luxuriante, pródigo, desse braço, movimento ao qual foi destinado o termo estranho que acabo de lembrar, como para significar que ele corre o risco de se distender caso se insurja. E tudo isso é desacreditado, humilhado e negado tanto quanto possível pelo aparelho de uma guerra, de cuja excitação física não participa nenhuma mulher digna desse nome, a menos que ela seja diretamente ameaçada em sua vida ou na dos seus. Eu sempre fiquei atônito com o fato de que então a voz dela não se fizesse ouvir, de que ela no que se refere aos modos de apreciação e de volição. A bem da verdade, essa direção que eu gostaria de designar para a arte não é nova: há muito tempo ela a assumiu de uma forma extremamente implícita e quanto mais se avança na época moderna, tanto mais se constata que essa predileção se afirma, que ela tende para a exclusividade. Rémy de Gourmont terá dessa forma quitado suas injúrias para com Rimbaud: "Temperamento de moça", dizia ele. Uma apreciação desse gênero dá hoje em dia a dimensão daquele que a forneceu: ela bastaria para instruir o processo da inteligência de tipo macho no fim do século dezenove. De um lado o grande bater de asas, nada menos do que "mudar a vida", do outro a baba do rato come dor de livros. Dessas duas atitudes, que se pense somente naquilo que o tempo fez: observar-se-á o espírito, por um lado em gradual e cada vez mais segura ascensão, pelo outro em constante desperdício de energia. A justiça já foi portanto feita, limito-me a pedir que no futuro ela seja ainda mais expedita. Que a arte dê resolutamente a prioridade ao pretenso "irracional" feminino, que ela conserve ferozmente como inimigo tudo aquilo que, tendo a presunção de se considerar como seguro, como sólido, traz na realidade a marca dessa intransigência masculina que, no plano das relações humanas na escala internacional, mostra suficientemente, hoje em dia, do que ela é capaz. Não é mais o momento, eu o afirmo, de se restringir nesse ponto a veleidades, a concessões mais ou menos vergonhosas, mas sim de se pronunciar em arte sem equívoco contra o homem e a favor da mulher, de tirar do homem um poder do qual, como está mais do que provado, ele fez mau uso, para tornar a colocar esse poder nas mãos da mulher, de negar ao homem todas as suas instâncias enquanto a mulher não houver conseguido retomar desse poder sua parte eqüitativa e isso não mais na arte, mas na vida.

Melusina depois do grito... O lago cintila, é um anel e é sempre todo o mar passando através do anel do Doge, pois é necessário que, essa aliança, todo o universo perceptível a consagre e que nada mais possa fazer com que ela seja rompida. Melusina abaixo do busto se doura de todos os reflexos do Sol sobre a folhagem de outono. As serpentes de suas pernas dançam de acordo com o tamborim, os peixes de suas pernas mergulham e suas cabeças reaparecem em outros lugares como que suspensas às palavras desse santo que as pregava no miosótis, os pássaros de suas pernas erguem sobre ela a rede aérea. Melusina quase inteiramente envolvida outra vez pela vida pânica, Melusina com os grilhões inferiores de pedras ou de plantas aquáticas ou de penugem de ninho, é ela que invoco, eu não vejo ninguém além dela que possa redimir esta época selvagem. Ê a mulher por inteiro e no entanto a mulher tal como ela é hoje em dia, a mulher privada da sua posição humana, prisioneira das suas raízes mutáveis tanto quanto se queira, mas também por elas em comunicação providencial com as forças elementares da natureza. A mulher privada da sua posição humana, a lenda assim o quer, pela impaciência e pelo ciúme do homem. Essa posição, apenas uma longa meditação do homem sobre o seu erro, uma longa penitência proporcional à desventura que resultou daí, pode devolvê-lo a ela. Pois Melusina, antes e depois da metamorfose, é Melusina.
Melusina não mais sob o peso da fatalidade desencadeada sobre ela exclusivamente pelo homem, Melusina liberta, Melusina antes do grito que deve anunciar sua volta, porque esse grito não poderia ser ouvido se não fosse reversível, como a pedra do Apocalipse e como todas as coisas. O primeiro grito de Melusina foi um ramalhete de samambaia começando a se enrolar numa grande chaminé, foi o mais frágil junco rompendo sua amarra na noite, foi em um relâmpago o gládio aquecido até embranquecer diante dos olhos de todos os pássaros dos bosques. O segundo grito de Melusina deve ser a descida de balanço num jardim onde não há balanço, deve ser o folgue do dos jovens caribus na clareira, deve ser o sonho do parto sem dor.

Melusina no momento do segundo grito: ela jorrou das suas ancas sem globo, seu ventre é toda a colheita de agosto, seu dorso salta como fogo de artifício da curva da sua cintura, moldada sobre duas asas de andorinha, seus seios são arminhos presos no próprio grito, ofuscantes de tanto se iluminar com o carvão ardente da boca uivante. E seus braços são a alma dos riachos que cantam e perfumam. E sob o desabamento dos seus cabelos desdourados compõem-se para sempre todos os traços distintivos da mulher-criança, dessa variedade tão particular que sempre subjugou os poetas *porque o tempo sobre ela não tem domínio*.
A mulher-criança. É a sua entrada em todo o império sensível que sistematicamente a arte deve preparar. Esse deve ser o seu objetivo constante no seu triunfo, afugentando os morcegos com seu repugnante vôo silogístico enquanto os vagalumes tecem sob suas ordens o fio misterioso, o único que pode levar ao coração do labirinto. Essa criatura existe e, se ela não está investida da plena consciência do seu poder, não deixa de ser verdade que é ela que se vê de tempos em tempos fazer uma aparição na mudança de trilhos, comandar por um tempo curto as delicadas engrenagens do sistema nervoso. E é Balkis com seus olhos tão longos que mesmo de perfil parecem olhar de frente, e é Cleópatra na manhã de Actium, e é a jovem feiticeira de Michelet com seu olhar de matagal, e é Bettina perto de uma cascata falando para seu irmão e seu noivo, e é, mais oblíqua ainda só por sua própria impassibilidade, a fada com o grifo de Gustave Moreau, e és tu. Que recursos de felinidade, de devaneio a ponto de submeter a vida a si, de fogo InterIor a ponto de ir adiante das chamas, de esperteza a serviço do talento e, acima de tudo, de calma estranha percorrida pela luz da espreita, não estão contidos nesses instantes em que a beleza, como que para fazer enxergar mais longe, torna subitamente vã, deixa morrer para ela a vã agitação dos homens! De que força explosiva esses instantes não estão carregados! A figura da mulher-criança dissipa ao redor de si os mais bem organizados sistemas porque nada pôde

fazer com que ela se submetesse a eles ou neles se incluísse. Sua compleição desarma todos os rigores, a começar, eu mal saberia dizê-lo a ela própria, pelos dos anos. Mesmo aquilo que a atinge fortalece-a, embrandece-a, refina-a ainda mais e para resumir completa-a como o cinzel de um escultor ideal, dócil às leis de uma harmonia preestabelecida e que nunca termina porque, sem a possibilidade de um passo em falso, ele está no caminho da perfeição e esse caminho não poderia ter fim. E a própria morte corporal, a destruição física da obra não é, neste caso, um fim. A irradiação subsiste, ou melhor, é a estátua inteira, ainda mais bela se possível fosse, que, despertando para o imperecível sem nada perder de sua aparência carnal, faz sua substância com um sublime cruzamento de raios-:

Quem tornará o espectro sensível à mulher-criança? Quem determinará o processo das suas reações ainda desconhecido para ela própria, para suas vontades sobre as quais foi tão apressadamente jogado o véu do capricho? Esse alguém deverá tê-la observado durante longo tempo diante do seu espelho e, de antemão, ter-lhe-á sido necessário rejeitar todos os modos de raciocínio dos quais os homens tão pobremente se orgulham, pelos quais são tão miseravelmente enganados, acabar definitivamente com os princípios sobre os quais se edificou tão egoisticamente a psicologia do homem, que não é em hipótese alguma válida para a mulher, a fim de instruir a psicologia da mulher em processo contra a primeira, com a carga ulterior de conciliá-las. Eu escolhi a mulher-criança não para opô-a à outra mulher, mas porque nela e somente nela parece-me residir no estado de transparência absoluta o outro prisma de visão que as pessoas se recusam obstinadamente a levar em consideração, porque ele obedece a leis muito diferentes cuja divulgação o despotismo masculino deve impedir a qualquer preço.
Da cabeça aos pés Melusina tomou a se fazer mulher. Tendo a noite há muito tempo caído, tendo os romances de cavalaria sido devolvidos no sótão ao seu odor especial tão envolvente de poeira, ela reintegrou o quadro vazio de onde sua própria imagem havia desaparecido em plena época feudal. Mas pouco a pouco a parede nos limites do quadro se esvazia, se desvanece. Não há mais nenhum quadro a não ser o de uma janela que dá para a noite. Essa noite é total, dir-se-ia a de nosso tempo. Mal se reencontrou a esplêndida Melusina, e já se treme perante o receio de que ela se tenha aí fundido inteiramente. Nada, além do uivar dos lobos. O quadro está desesperadamente vazio.
Olhando fixamente para ele, só se consegue fazer surgir figuras de larvas às voltas com os piores tormentos, as piores vontades. De um Bosch cego, esses rostos sem consistência nem cor, cobertos de expressões pavorosas e que passam pelas mais horríveis transformações, ocupam a cena alguns segundos antes de descer lugubremente à direita e à esquerda para ceder lugar a outros mais assustadores porque os seguem, pois é uma multidão! Um curta-metragem de noite desbotada: eles estão longe de haver desocupado a cena. Por que nenhum poste de luz nessa rua estreita e escorregadia? Ah! sim, eu estava esquecendo... as sirenes de alarme, seu infame torniquete, deve ser uma dessas curtas pausas que elas fazem para exprimir a ameaça. Nessas duas casas laterais, mulheres de penhoar têm ainda de fazer descer crianças pequenas não total-
mente acordadas, que têm medo. Proibido seguir em frente: obviamente, não é mais a vida. O silêncio agora pior do que tudo. Passo a mão pela minha fronte. A noite enganadora. De trás um carro que passa, um alçapão ou um monte de carvão? Deve ser também uma conferência que se prepara e de qualquer outra janela é, posso apostar, o mesmo espetáculo: um monte de carvão, um alçapão ou um carro que passa? Uns
vão preparar projetos sem envergadura enquanto outros exaltarão ou dissimularão interesses sórdidos, pois nem uns nem outros compreenderam: é aliás o sistema de referências comum deles que é indigente, que é falso. Isto para o futuro, da forma como eles acreditam poder dispor dele, ao menos... Eles não mudaram há vinte anos e são os mesmos que se preparam para partir novamente. Ê extremamente

difícil se interessar por eles, e a bem da verdade eles talvez nem o desejem: são esses senhores do enterro.

Eu fechei os olhos para lembrar com todos os meus votos a verdadeira noite, a noite liberta da suamáscara de horrores, ela, a suprema reguladora e consoladora, a grande noite virgem dos Hymnes à la nuit. Foi necessário esperar que a agitação se dissipasse na sua superfície, deixar-lhe tempo para se repousar. Ela se estabeleceu agora definitivamente no quadro que ela preenche a mais não poder com suas mirlades de facetas. Ela não tem fundo, como o diamante, e apenas os amantes que houverem conseguido se isolar perigosamente para se debruçar sobre ela de uma janela jogada num parque enquanto ao longe a festa causa grande desordem entre os caniços de cristais e as bolhas de músicas sob as correias dos lustres, saberão que abóbadas de espelho, que rosa de lentes de farol numa noite como essa fazem uma cesta cintilante para a embriaguez deles, poderão testemunhar que é numa noite como essa e somente nela que os ímpetos do coração e dos sentidos encontram seu responso infinito.

É toda a noite mágica no quadro, toda a noite dos encantamentos. Os perfumes e os arrepios se extravasam do ar para os espíritos. A graça de viver faz suas flautas de Pã vibrar em surdina debaixo das cortinas. O cubo preto da janela, aliás, não é mais tão difícil de ser furado: ele se deixou penetrar pouco a pouco por uma claridade difusa sob forma de grinalda, como uma campainha de luz que se prende às duas arestas
transversais da parte de cima e não pende abaixo do terço superior da figura. A imagem se precisa gradualmente em sete flores que se tornam estrelas enquanto a parte inferior do cubo permanece vazia. As duas estrelas mais altas são de sangue, elas representam o Sol e a Lua; as cinco mais baixas, alternativamente amarelas e azuis como a seiva, são os outros planetas conhecidos antigamente. Se o relógio não houvesse parado à meia-noite, o ponteiro menor haveria podido, sem que nada mudasse, fazer quatro vezes a volta do mostrador antes que do zênite emanasse uma nova luz que vai dominar do alto as primeiras: uma estrela muito mais brilhante se inscreve no centro do primeiro heptenato e suas pontas são de fogo vermelho e amarelo e ela é a Canícula ou Síriu.s, e ela é Lúcifer Porta Luz e ela é, na sua glória sobrepujando todas as outras, a Estrela da Manhã. É somente no instante de sua aparição que a paisagem se ilumina, que a vida torna a ficar clara, que, exatamente abaixo do ponto luminoso que acabou de submeter a si os precedentes, se descobre na sua nudez uma moça ajoelhada à beira de um lago, que entorna aí com a mão direita o conteúdo de uma urna de ouro enquanto com a mão esquerda esvazia não menos inexaurivelmente sobre a terra uma urna de prata. De um lado e de outro dessa mulher que, bem além de Melusina, é Eva e é agora a mulher inteira, freme à direita uma folhagem de acácias, enquanto à esquerda uma borboleta oscila sobre uma flor.

Quando o destino te trouxe ao meu encontro, a maior sombra estava em mim e posso dizer que é em mim que essa janela se abriu. A revelação que me trazias, antes mesmo de saber em que ela podia consistir, eu soube que era uma revelação. Eu compreendi ao ver-te aparecer, ao ouvir tuas primeiras palavras, que, num certo curso desesperado, vertiginoso e sem freio dos pensamentos onde acontece que a máquina mental foi tão fortemente lançada que ela deixa a pista, eu devia ter tocado num desses pólos que ficam geralmente fora do alcance, acionar por acaso essa campainha escondida que chama os socorros extraordinários. Eu sempre acreditei nesses socorros: pareceu-me sempre que uma extrema tensão na maneira de suportar uma prova moral, sem querer se deixar ainda que imperceptivelmente distrair por ela ou consentir por um exercício qualquer em

limitar suas destruições, tinha a capacidade de provocar esses socorros e creio, além disso, tê-lo verificado muitas vezes. Quer se trate de provas das quais tudo leva a crer que não se poderá recuperar ou de provas menores, julgo que a posição a tomar é a de olhá-las de frente e de se deixar levar. Eu considero isso como verdadeiro tanto em relação à dor como em relação ao tédio. No plano intelectual, foi deixando-me ir ao fundo tédio que me aconteceu a possibilidade de encontrar soluções insólitas, totalmente fora de cogitação em semelhante momento e das quais algumas me forneceram razões de viver. Mas quando te encontraste ali, era algo muito diferente. Uma grande parte da terra não apresentava mais do que um espetáculo de ruínas. Em mim mesmo, havia sido bem necessário reconhecê-lo sem para tanto me resignar a isso, tudo aquilo que eu havia considerado como indefectível no domínio dos sentimentos, sem mesmo que eu pudesse saber por qual rajada havia sido levado embora: não sobrava como testemunho nada além de uma criança com quem, às voltas com a mais justificável apreensão, foi possível ouvir-me falar outrora. Essa criança, toda a injustiça, todo o rigor do mundo haviam-na separado de mim, haviam-me privado dos seus belos despertares que eram toda minha alegria, haviam-me feito perder com ela o contacto maravilhoso de cada dia, preparavam-se para afastá-la de mim ainda mais. Eu não iria poder ajudar na formação de seu jovem espírito que vinha a mim tão resplandecente, tão aberto. Em mim eram igualmente ruínas, florescidas para sempre dessa rosa. E as idéias, aquilo pelo qual o homem tende a se manter em relação definida com os outros homens, as idéias não eram tampouco poupadas: ruínas também, fachadas, as únicas que permaneceram em pé, cinturão da torre de Babel. As palavras que as designavam, tais como direito, justiça, liberdade, haviam adquirido sentidos locais, contraditórios. Havia-se tão bem especulado, de um lado e de outro, sobre a elasticidade delas que se conseguia reduzi-las e estendê-las a qualquer coisa, até ao ponto de fazê-las dizer precisamente o contrário daquilo que elas querem dizer. Seguramente a ditadura militar tinha interesse nessa destruição cada dia mais meticulosa do valor semântico, destruição que o mais obtuso ou mais cinicamente venal jornalismo havia sido nomeado para dirigir. Aqueles que conservavam, aqui e ali, a preocupação com as significações próprias, com tudo aquilo que, ligando-se emocionalmente a isso, pode de maneira válida mover o homem, eram forçados ao silêncio, colocados na impossibilidade de comunicar entre si e até mesmo de se contar.

Será difícil, a distância, uma vez mais, calcular a extensão dos danos que a ótica de guerra impõe ao espírito crítico geral. Nada é mais sintomático, a respeito disso, do que a aspereza do debate ao qual deu origem uma obra recente de pequenas dimensões que
se viu difundida ao mesmo tempo em vários países: estou me referindo a *Le silence de la mer*, obra assinada pelo pseudônimo "Vercors" e que se apresentava como produto do partido da resistência na França ocupada. Seus leitores, incontáveis, logo se acharam divididos em dois campos inimigos totalmente dispostos a chegar efetivamente a vias de fato. Uns vêem aí, sem discussão possível, uma obra-prima: mais ainda, eles aclamam nela o resultado de um esforço inestimável para superar o conflito atual sem por isso cessar de vivê-lo em todo o seu rigor, para recuperar - sem se deter mais do que o necessário em sua supressão inteiramente exterior, episódica -os verdadeiros valores
humanos. Os outros, com igual veemência, denunciam-no como um falso caracterizado, uma execrável proeza da 'propaganda alemã, um dos mais pérfidos instrumentos destinados a minar o moral dos países aliados. Num momento em que, por causa da ambigüidade da tese do livro, a impossibilidade de verificar sua origem exigiria uma extrema prudência, uns e outros, a respeito dele, abandonam todo o sangue-frio. Observa-se, de ambos os lados, a mesma demissão crítica. Sucessivamente exaltada e aviltada, a obra leva uma vida inteiramente diferente daquilo que se esperava, criando com isso um precedente deplorável. Nos

julgamentos pronunciados sobre ela, nada que resulte de um exame aprofundado dos seus meios, que repouse sobre uma apreciação comparada dos seus méritos e das suas fraquezas intrínsecas. Somente se quer levar em consideração aquilo para que ela pode servir imediatamente, ou prejudicar. Quem não percebe o perigo a que essa maneira de abordar a obra, dando toda a liberdade a esse tipo de prevenções, expõe a livre expressão literária e artística? Se não se tomar cuidado, quem não percebe o obscurantismo que imporia sua extensão insensível às obras do passado?

Aí está, entretanto, o ponto em que se estava, o ponto em que se está ainda. E quem poderia vangloriar-se de escapar completamente do contágio, de se orientar de outra forma que não tateando nesse nevoeiro? O espaço, o próprio tempo que serviam de bases comuns de orientação foram, debaixo de nossos olhos, atingidos pela discontinuidade. Evidentemente, cada um efetua por sua própria conta a operação que consiste em ligar novamente os países mais separados uns dos outros por todas as antigas e mesmo as futuras linhas de tráfego: não deixa de ser verdade, porém, que durante muito tempo esses países viverão fechados sobre si mesmos, na semi-ignorância daquilo que se ressentia então, experimentava-se realmente fora de suas fronteiras. Na Europa, na África, na Ásia, os estados de consciência se distribuíram em pequenas ilhas bem isoladas umas das outras. Massas humanas, de início totalmente entregues à orgia da conquista, pesaram sobre outras massas humanas, de início infinitamente dolorosas que, durante anos, somente puderam apelar para toda a sua força e que, hoje em dia, se reerguem machucadas, ao passo que as primeiras se preparam para conhecer o talião. Mas quem sabe, de longe e sem dúvida mesmo de perto, de que maneira aquelas se reerguem, quem pode determinar a importância do potencial de energia acumulado nelas e, é necessário dizê-lo, do cansaço também, uma vez passado o primeiro momento de entusiasmo? Decidiu-se rapidamente estabelecer uma ligação entre a Paris do início de 1940 e a Paris de 1944, mas somente um espírito simplista se manterá na ilusão de que essas duas Paris são a mesma. A grande incógnita é o pensamento da Paris atual e de algumas outras cidades da Europa. Esse pensamento talvez ainda não tenha sido descoberto. Paris, suas ruas, suas praças, nos últimos documentos produzidos, são um enigma total: trata-se de saber quais correntes sensíveis trabalham desde agora para dominá-la, quais bases de discriminação, conformes à sua compleição invariável, ela está adotando, qual lição, na qualidade de organismo que obedece a suas leis próprias e não a instruções estranhas, ela tirará da sua dura experiência. Tudo aquilo que tende a se propagar além disso não passa de grosseiro comércio de imagens. É necessário, para se ter uma idéia do mecanismo de assimilação e de expulsão que ela põe em ação, conhecer bem Paris de dentro ou, na falta disso, se reportar a certas páginas magistrais que Balzac consagra a ela (salvo algumas correções exigidas por suas tomadas de posição sociais) como as que dão início a *La fille aux yeux d 'or*. Era essencial que Paris se libertasse sozinha. Além disso, só se pode ter toda confiança em seu destino, ter certeza de, na primeira ocasião favorável, vê-Ia retomar sua fisionomia única *dos grandes dias*. Uma imensa sombra continua a se estender sobre o mundo, pelo fato de que a voz de Paris não é ouvida e não poderia ser, naturalmente, a eventualidade, a prazo mais ou menos longo, de uma consulta popular, ainda que imaginada, por um extremo acaso, sem coações e sem artifícios, que iria preencher essa lacuna, mas sim uma sondagem prolongada da opinião pública em todos os domínios, se não se produzirem fenômenos eruptivos suficientemente significativos por si próprios.

Usarei, sem me alongar, este parêntese para explicar um pouco os sentimentos que os meus amigos e eu nutrimos em relação ao que é francês. Um certo caráter de nossas declarações anteriores, que não temíamos querer que fosse provocante, levava a fazer

acreditar que romperíamos inteiramente com ele, fato que não deixaria de parecer contradizer o que precede. É certo que, desde o século dezenove, poetas e escritores franceses -Baudelaire, Rimbaud, Huysmans começaram a cobrir com seus sarcasmos o "espírito francês" ou o que já naquela época se impunha como tal. Antes de prosseguir, observamos que a sua contribuição à cultura francesa compensa de sobra o dano
que tenham podido causar, na França ou no mundo, ao espírito em questão, que, no final das contas, é só a espuma dessa cultura. Salvo a repugnância, sempre sentida pela arte, a situar-se dentro do limite nacional, necessitando este, sim, de constantes intercâmbios no mais vasto plano, a extrema virulência dos ataques aos quais se entregaram os jovens escritores contra o "espírito francês" e que atingiram o paroxismo entre 1920 e 1930 dá margem a pensar que, sendo assim, este espírito constituiu um obstáculo e uma
ameaça intoleráveis que exigiam um ataque direto e o uso de todas as armas disponíveis. Isto nem sempre é bem compreendido no exterior, onde se fica hipnotizado pela liberdade de expressão quase ilimitada de que pudemos gozar na França durante aquele período. Ela fez com que se perdesse de vista a falta de resposta vital da imensa maioria do público. Diante da arte em particular -mas a atitude com relação à arte tem
possibilidade de refletir todas as outras -a reação da opinião pública geral foi, naquela época, das mais decepcionantes. Ela é feita de saciedade, de atonia profunda, dissimuladas sob a máscara da leviandade, da presunção, do senso comum mais desgastado, mas apresentando-se como bom senso, do ceticismo mal esclarecido, da "astúcia", os quais não traem outro sentimento vâlido senão o medo constante de serem
enganados. É por isso que, com persistência, o "espírito francês" pôde ser censurado e não vejo como contestar que essas características sejam reais e odiosas. Se resolvemos ser e realmente fomos os depreciadores deste espírito, não foi justamente na medida em que queríamos despertar outro, cada vez mais ameaçado de ser vencido por aquele, outro que, em intervalos demasiado grandes, se mostrou, na própria França, com tanta vida, tanta força, com tudo o que essa vida e essa força implicam de gravidade, gosto da investigação e risco, insatisfação motora e mais ainda confiança generosa, inextirpável, preocupada em permanecer aberta a todas as vias do progresso humano? Eu declaro que fomos nós que nos mostramos mais fiéis a este espírito, na medida em que não perdíamos oportunidade de vergastar o outro, de acuá-lo no que tem de vacilante por detrás da sua pretensa segurança e o seu riso amarelo. Existe, insisto, na verdadeira, na grande tradição francesa, um espírito que nunca deixamos de reivindicar, de adotar: é o que transparece nos Cadernos dos Estados Gerais ou que anima os decretos de 93, o que, através das flutuações de interesse de um problema ao outro, inspira tanto o movimento de Port-Royal como a Enciclopédia, que suscita Benjamin Constant e Stendhal assim como, em todo o decorrer do século passado, imprime com a sua marca característica o movimento operário. Que não se veja aqui, de minha parte, nenhuma defesa em apoio a alguma humilde petição destinada a abreviar um tempo de exílio. Continuo convencido de que um povo, mesmo tendo sido historicamente o maior suporte da liberdade do mundo, não pode de modo algum ficar esperando que os outros povos cheguem ao seu nível, sob pena de perder as suas características próprias e ver corromperem-se as idéias das quais ele só se alimenta retrospectivamente. No meu entender, não só é admissível, mas é imperiosamente necessário que do seu seio se ergam então vozes que o atormentem e o excedam acusando-o sem cessar de trair a sua missão.

A janela, que havia girado sobre o seu eixo, arrastada para longe e misturada às imagens com que Baudelaire pintou o *Crépuscule du matin*, volta a colocar- se diante de mim e se revela devagar. Começo a ouvir, cada vez mais nítidas, as vozes de dois riachos que se escoavam naquele fim de noite alegórico. Reduzido à minha insignificância, eu quase havia cessado de percebê-las ou, pelo menos para

mim, elas se haviam fundido em um murmúrio. Mas esse murmúrio, eu sabia sem muita clareza que é tão indispensável à continuação da vida quanto as batidas do coração. Não esquecia que não é através de uma legislação seca, programas, planos, regimes que se muda o mundo. O murmúrio deu lugar agora a duas vozes claras, alternadas. E era isto o que os riachos diziam:
Riacho da esquerda - Eu queimo e desperto, realizo a vontade do fogo. Do vaso de fogo trepidante de onde jorro, o vento nunca acabará de desenrolar os cachos de vapor. E nesse vapor distinguem-se através de transparentes membranas as cidades do porvir. Não é sem grandes hesitações que elas embarcam em seu movimento ascensional e as que explodem são sempre as mais irisadas. Na minha ebulição perpétua, eu só poderia causar a perda de tudo o que vive, devo consagrar-me só ao que está ameaçado de cair em letargia na superfície da Terra. Vou a esse lago morno, onde, sob natas fosforescentes, as idéias vêm se sepultar assim que cessaram de mover o homem. E esse é o lago dos dogmas que se acabaram, aos quais os homens obedecem só por hábito e pusilanimidade. E o lago das inúmeras existências fechadas sobre si mesmas, cujo
magma exala, em certas horas, um odor pestilencial, mas que não deixa de ser potência de resplendor de um novo sonho, porque é para ele que levo a efervescência incessante das idéias dissidentes, das idéias-fermento, e é por mim que ele encontra nas suas profundezas o princípio secreto dos seus turbilhões.
Riacho da direita -Eu encanto e multiplico. Obedeço ao frescor da água, capaz de erguer o seu palácio de espelhos em uma só gota, e vou à terra que me ama, à terra que sem mim não poderia cumprir as promessas do grão. E o grão se abre e a planta cresce, e realiza-se a operação maravilhosa pela qual um único grão gera muitos. E as idéias também deixariam de ser fecundas no momento em que o homem não mais as embebesse de tudo quanto a natureza pode lhe dar individualmente de claridade, mobilidade e frescor de visões. Levo ao solo onde ele anda a confiança que deve ter no eterno reverdecimento das suas razões de esperar, no próprio momento em que podem parecer destruídas. Entrego-lhe intacto o motor da sua juventude, aquele que no melhor dia, à luz do amor pôde fazer com que ele se julgasse o senhor da vida.
O antigo lago não mais existe. Toda a água retomou a sua respiração profunda sob o crescente da Lua, e o côncavo das suas vagas se recamou de todos os peixes dos mares quentes. Entre eles distinguem-se os "combatentes" púrpura e azul-corvo, que não suportam ver-se uns aos outros e estão dispostos a uma luta de morte contra a sua imagem. Sua esgrima é tão viva que o seu clarão subsiste atrás deles e percorre em to-
dos os sentidos, do mais flexível ao mais brilhante traçado, as conchas líquidas e transparentes. Mas, a onda se acalma, o combate singular termina ou desabrocha em aurora, ambos os riachos correm sem barulho e da terra, ocupando sozinha todo o espaço sensível, sobe o aroma de uma rosa. A rosa mal vislumbrada há pouco, diz, às baforadas, todo o Egito sagrado na noite palpitante. Ela é, vertiginosamente voltada sobre si mesma', o colar da íbis, da ave adorada, e dela sobem todos os apetrechos necessários ao sonho humano para operar o seu restabelecimento na corda bamba, e fazer deslizar de novo a sua sola branca, fendida no sentido da nervura das folhas, sobre o fio estendido entre as estrelas. A rosa diz que a capacidade de regeneração é sem limites, encarece que o inverno, com todos os seus rigores e as suas máculas, só pode ser considerado como transitório, ou melhor, os seus chicotes devem açoitar periodicamente os caminhos para tornar a chamar a energia, para recolher de suas pontas as mil abelhas da energia que com o passar do tempo adormeceriam na romã inebriante do Sol.
A borboleta gira. Durante este último discurso, havia ficado imóvel e de frente, imitando um machado de luz cravado na flor. O seu batimento descobre agora a sua asa tripla pintada com a poeira de todas as pedras preciosas. A sua bomba deixou de funcionar, faz-se uma pausa no curso da indústria quase imaterial, de instrumentos imponderáveis, que se desenvolve a partir do suco floral. E, antes de levantar vôo para se aplicar à disseminação da substância fecunda, antes de

retomar a linha pontilhada e sinuosa que dirige o seu vôo, parece que existe só para valorizar ao olhar a suntuosidade da sua asa. E, por sua vez, ela fala para dizer que mistério consolador existe no rol das gerações sucessivas, que sangue novo incessantemente circula e, para que a espécie não se prejudique com o desgaste do indivíduo, que seleção se opera sempre a tempo e consegue impor a sua lei natural. O homem vê esta asa tremular, asa que é, em todas as línguas, a primeira letra maiúscula da palavra Ressurreição. Sim, os mais altos pensamentos, os maiores sentimentos podem conhecer um declínio coletivo e também o coração humano pode partir-se e os livros podem envelhecer e tudo deve, exteriormente, morrer, mas uma potência que não tem nada de sobrenatural condiciona essa própria morte à renovação. Assegura previamente todas as trocas que velam para que nada de precioso se perca interiormente e para que, através das obscuras metamorfoses, de estação em estação, a borboleta recupere as suas cores exaltadas.

É entretanto aqui que eu os invoco, porque tenho consciência de nada mais poder sem a sua manifestação, gênios que presidem secretamente a esta alquimia, vocês, mestres da vida poética das coisas. Esta vida está além da vida dos seres e muito poucos são capazes de concebê-la como real, e muito menos de vivê-la, embora ela interfira constantemente na outra. Esta outra é feita para ser esmagada, é muito exposta e frágil: acontece também que pedaços inteiros se desprendem dela, e com certeza isso em nenhum outro momento é tão verdadeiro quanto na perda, de improviso, daquilo que mais se ama no mundo, agravando-se com o enigma obsessivo deixado pelo corte de uma vida em flor. Nada de mais cruel atinge a consciência desse vazio horrível, sucedendo bruscamente à plenitude do coração. Nesse estado de ruína instantânea de tudo, é, no entanto, a vocês, gênios, que compete aproximar-se desse coração e, sem que nada transpire fora ou nele, acionar os seus alambiques. E se a operação a que vocês procedem requerer tempo e se cumprir sob o prisma das lágrimas, não será menos certo
que a conjuração se operará e se a vida não voltar a fazer sorrir, pelo menos será tolerada de novo. Sendo assim, porém, esta vida não é mais apenas aquela à qual cegamente o ser se entrega e à qual se confia, mas por certo a vida carregada de tudo o que pode retirar do sentimento de sua negação concreta, a vida que consegue prosseguir depois de haver realizado a volta completa sobre si mesma, tendo ampliado o seu domínio até as regiões onde residem os seres inolvidáveis que nos deixaram e cujo destino, com relação a nós, parece ser de se manter no mais alto grau o que puderam ser. Estas regiões, na sua extensão, só a poesia os explora, mas sem dúvida em determinado estágio da minha vida, para que, além da grande piedade do tempo e da minha própria confusão, eu correspondesse à inteligência.poética do universo, era necessário que
perto de mim se abrissem olhos aos quais elas se revelassem por inteiro. Gênios que me fazem tão pura a água destes olhos, longe de mim haver dado uma idéia do seu poder: a vocês competiu ainda maravilhosamente fazer com que este dom integral de si mesmo sobrevivesse ao objeto de sua predileção, levasse a encontrar o seu uso, a restituir-se de algum modo à vida. O mais admirável dos seus artifícios, gênios, não será exigir, no próprio nome do que não existe mais e a que se dava tanto valor, que sejam salvaguardados a beleza, a graça, a vivacidade, todos os recursos do espírito e do coração? Vocês alardeiam que sua alteração, seu enfraquecimento viriam de um consentimento sacrílego. Com o ser que a própria imensidão do pesar não basta para conter, mas seria a verdadeira, a imperdoável perda de contacto -dizer: ele não me reconheceria mais! -seria a supressão do supremo traço de união. O mais belo dever para com ele é que te conserves tal como ele te amava.

Foi essa para mim, no começo do último inverno, a própria chave dessa revelação e que só a ti eu podia dever. Na rua gelada eu te revejo modelada por um arrepio, apenas com os olhos descobertos. Com a gola levantada, a*écharpe* presa pela mão sobre a boca, eras a própria imagem do segredo, de um dos grandes segredos da

natureza, no momento em que ele se revela e, nos teus olhos de fim de tempestade, eu podia ver
erguer-se muito pálido um arco-íris. Desde então, cada vez que quis ter uma idéia concreta dessa chave, apareceu-me sempre a estrutura desse olho sob a concha desenhada pela renda da sobrancelha esquerda, dominada por uma imperceptível lua que permitia que ela se alongasse, marcando na sua curva alguma oscilação no nível desse crescente pálido e perdido no início da têmpora. Esse sinal misterioso, que só em ti eu vi, preside a uma espécie de interrogação palpitante que é, ao mesmo tempo, a sua resposta e me conduz sempre à própria fonte da vida espiritual. Da relação desse olhar ainda mais deslumbrante por tantos brilhantes, sensibilizado ao máximo, sob os quais ele se torna madrepérola e ardósia e abaixo dessa asa de pássaro que se alisa na curva da fronte soberba, constrói-se e equilibra-se para sempre uma figura movediça que logo à primeira vista associou-se a essa chave. Essa chave brilha com luz tão intensa que começo a adorar o próprio fogo no qual foi forjada. Não há triunfo fora daquilo que, entregue, no entanto, a todos os requintes da consciência da infelicidade, se mostra pela sua natureza essencialmente rebelde à própria infelicidade. Nesta disposição contraditória reside a mais singular das virtudes que emana do teu ser e que, sem hesitar, imediatamente designei por estas palavras: "a eterna juventude", antes de ter medido a sua importância. Bastou que te visse para me convencer de
que a eterna juventude não é um mito. Foi a sua própria marca que, de uma vez para sempre, delimitou para mim essa parte do teu rosto que, inábil, acabei de desenhar. Existe com efeito, entre os elementos que a compõem, uma relação que, de hoje em diante, nada poderá modificar e é um verdadeiro milagre que tal certeza seja inerente a essa própria relação. Isto não explica mais do que o diamante. É uma estrela que
está sobre ti, naturalmente sem o teu conhecimento. Só consigo localizar mais ou menos o seu foco. Assim como, também, a substância dessa estrela não é orgânica: é feita do esplendor que a vida espiritual, tendo alcançado o mais alto grau de intensidade, imprime a toda a expressão de um rosto humano.
A estrela recupera o seu lugar maior entre os sete planetas da janela cujas luzes se atenuam para impô-la como a pura cristalização da noite. No único ângulo que ainda ficava murado por trevas, as garras de mil linces dilaceravam tudo o que impedia a visão, permitindo ver uma árvore ao longo de cujos ramos se fixavam e cuja folhagem era de um verde tão fascinante que parecia feito dos olhos desses próprios linces. Espero até que tudo volte à sua serenidade primitiva. A moça continua a inclinar sobre a terra e a água as suas duas urnas, dando as costas à árvore cheia de espinhos. Mas, imperceptivelmente, a cena muda... o que está acontecendo? a acácia aproxima-se até ocupar todo o campo, não se poderia dizer que afasta com os seus braços os montantes da janela? Que prodígio! A acácia se aproxima de mim, ela vai me derrubar: estou
sonhando.
Lagos dos quais emergem pedras duvidosas (entre as quais talvez cabeças de crocodilos?). Uma delas ergue acima das águas um volume piramidal e parece flutuar, a julgar pelos farrapos de algas suspensos no seu cume, cujas farpas tomam ao vento formas hieroglíficas. As suas faces biseladas deixam entrever nesgas de pintura entre as quais rói-se um sol verde, sustentado por dardos de escorpiões. Em derredor, plumas girando vêm pousar sobre a água; elas são azuis salpicadas de ferrugem e na sua queda alternam-se com gotas de sangue. Acompanhando o percurso dessas gotas, descobre-se bem em cima, no céu, o remo 18 imóvel do gavião, e o olho do gavião perscruta o lago,
enquanto no seu coração acende-se uma lâmpada que permite ver tudo o que nele se passa. No seu coração, desenrola-se com fausto o mistério da lembrança e do porvir e eu que, nesse instante, o contemplo, sou o primeiro a temer que me cegue. Agora todo o lago está revirado no olho do pássaro, e o que o pássaro dilacera é ele mesmo, pois a profundidade do lago está nele, e essa profundidade, por sua vez, se revela. No seu reflexo aéreo, a pirâmide é inserida no conjunto que

forma com a sua base imersa, e esse conjunto é um baú alongado que o grito do pássaro revela conter despojos queridos. Nada é mais imperioso para ele do que continuar a ver esse baú, e com o olhar, disputá-lo ao emaranhado das algas e ao furor das vagas. No instante mais crítico em que acaba de descobri-lo, de saúda-lo com um grito de irremediável desespero, encarniçando-se com o bico no seu próprio coração, consegue somente aumentar a sua perturbação suprema. Num espasmo, digno por si só de toda glória, esse coração, estrangulando-se sobre o que foi, toca no limite brusco em que se dilata para acolher, no cúmulo da exaltação contrária, o que vai ser. E nesse coração de sombra, abre-se nesse momento um coração de luz, ainda muito dependente do primeiro e que solicita deste a sua subsistência. Não foi necessário nada menos do que a vertigem desse abismo para que o sangue refluísse através dos canais da vida. O velho Egito não pôde representar melhor as circunstâncias que cercam a concepção de um deus.

O baú, no entanto, deslizou aos poucos até ao mar. Foi arrastado pela engrenagem das suas correntes, rolou interminavelmente pelas suas tortuosas escadarias de vidro, chocou-se para cima e para baixo contra as portas dos palácios explorados por peixes luminosos, depois passou de braço em braço, levantado sempre mais pelas colunas líquidas. E só então foi levado para a costa, para ser devolvido em pé à terra. E a terra se emociona, uma vez que nada pode fazer para que ele nunca seja profanado. O baú continua hermeticamente fechado, eriçado pelas unhas do anatifo e a água escorre de sua longa crina. Mas, sob ele, em breve a desordem domina o chão: raízes de uma
força desconhecida enroscam-se e distendem-se até que parecem recolher nelas todo o excedente de vigor das florestas tropicais e delas cresce a olhos vistos em plena maturidade a árvore sorteada para encerrar o cofre no seu tronco, por ordem excepcional da natureza. Mas, esta árvore, eu a reconheço: foi ela que, há pouco, me atirou ao chão! Agora fecha-se completamente, encerrando o seu segredo, tal como comecei a vê-la. Quanto à espécie, não difere das que a cercam: é apenas mais nobre do que elas. Chegam então homens vestidos de tecidos leves e listados, trazendo machados. Devem obedecer a uma ordem sobre a qual discutem muito. Devem ser escravos. Decidem-se pela árvore sagrada. O fuste da árvore no chão. Os cortes apresentam as ramagens reveladas pelas árvores petrificadas ao polimento. O fuste da árvore entregue ao escultor do rei. A cada nova abordagem, o seu cinzel se quebra, mas o pilar encomendado surge apesar disso por encantamento e só ele será de um estilo que consagra um reino. O pilar erguido diante do rei... Mas, nos preparativos da festa, todo o rumor continua a girar sobre a presença de uma mulher na corte. Esta mulher, onde eu já a vi? Ela lembra aquela que, ajoelhada, segurava as urnas, mas o seu corpo admirável agora está coberto por um véu tecido de estrelas e preso,por uma lua na junção das coxas. Os seus cabelos ainda soltos ostentam um resplandecente diadema de serpentes e espigas e com a mão direita agita um sistro, cujo som marca o ritmo do seu passo, maravilhosamente livre de vestígios. De onde e como ela veio, ninguém sabe. O escriba só anotou que a sua entrada e no palácio coincidiu com o desaparecimento de uma andorinha, assinalada por sua insistência em descrever ao redor do pilar, enquanto o erigiam, curvas de aspecto augural, mas a narrativa se perde até lhe atribuir uma série de sortilégios: ela caminha indiferentemente na terra e na água, perfuma as mulheres do cortejo assoprando nelas, na ausência da ama, foi vista amamentando a criança real com seu dedo. Mas a hora da sua partida já chegou e a melancolia une-se à festa. O presente da rainha é justamente o pilar que está sendo deitado, com cuidado, por meio de cordas. Parece devolvido agora à sua primeira natureza: seria possível recomeçar a contar os anéis do alburno. A mulher que se prepara para tomar posse dele ocupa-se então das últimas disposições: envolve de linho o tronco cortado mais recentemente do que nunca e esparge sobre ele os bálsamos odorantes cujos eflúvios se espalham para sempre em toda a região.

Uma lacuna no sonho. Será dizer que nunca reencontramos coisa alguma? Mas esta certeza desoladora de imediato leva a outra que a compensa, ou até melhor, que é capaz de conciliar o seu espírito com a primeira, e esta certeza segunda é que nunca se perde coisa alguma. A chalupa de papiro leva a deusa a todos os mares. Mas, a despeito do que ela faça, o corpo adorado daquele que foi seu irmão e seu esposo não fulgirá mais aos seus olhos no seu equilíbrio soberano. Desse corpo, que foi a sede da beleza total e da sabedoria total, ela só ficou condenada a reunir os quatorze pedaços esparsos e a mutilação foi ainda mais implacável uma vez que o órgão próprio a transmitir a vida foi devorado pelos peixes. Tremendo, eu testemunho o artifício súblime no qual a lei enigmática, imprescritível, encontrou o meio de se executar: o que foi desmontado em quatorze partes deve ser remontado quatorze vezes. A cera e as especiarias que vão servir à múltipla recriação são repartidas ao redor de cada um dos restos divinos que ocupa um dos cantos do ateliê, isto é, uma das pontas das duas estrelas superpostas, uma feita de dois triângulos eqüiláteros iguais e secantes com bases paralelas, a outra de dois
quadrados iguais e secantes, cada um dos quais oferece dois lados paralelos a uma diagonal da outra. Estou consciente da operação sem que me seja permitido vê-Ia prosseguir: com os olhos vendados, permaneço no centro da estrela com os compassos. Descobrem-me os quatorze deuses rigorosamente iguais: a deusa os acompanha nas quatorze direções. A cada sacerdote que a espera, cada uma das estátuas é dada como única e, sob a garantia de que, sendo o único a deter a verdade e o segredo, ele deve prometer sob juramento não revelar que relíquia entra nela. A multidão se ajunta nos templos, ao redor das estátuas rivais. Mas, através dos tempos, o olhar mais perspicaz das crianças não consegue se despregar da cabeça que está
em Mênfis.

É a minha vez de abrir os olhos. A acácia reverdecida reintegrou a figura primitiva enquanto em mim o mito esplêndido desenreda pouco a pouco as curvas do seu significado antes tão complexo nos mais diversos planos. Como me parece, neste aspecto, mais rico, mais ambicioso e também mais propício ao espírito do que o mito cristão! É penoso observar que sob a influência deste, foram cada vez mais rechaçadas as altas interpretações que presidiam às crenças antigas. Essas crenças foram sistematicamente reduzidas à letra daquilo que continham: procurou-se conservar só a afabulação poética, sobre a qual geralmente se concordou em julgá-la brilhante, e acreditou-se não poder dar-lhe outra resposta senão a enumeração das necessidades materiais dos povos em que se formaram. Assim, o vulgo se dá por satisfeito e~ aprender que as cerimônias *hopi*, de excepcional variedade e que necessitam da intervenção do maior número de seres sobrenaturais que a imaginação dotou de um rosto e atributos diferentes, têm mais ou menos por objetivo atrair todas as proteções para as culturas dessas tribos indígenas, figurando em primeiro lugar a do milho. Da
mesma forma, aquela que o Egito dos faraós considerava a rainha dos céus passa por não gozar, no espírito dos que a honravam, de outra prerrogativa senão a de desencadear as inundações do Nilo, impacientemente esperadas todo ano. Por mais materialista que seja, esta interpretação positiva dos mitos, que só considera o utilitário imediato e tende a simplificá-lo exageradamente, nem por isso é menos insignificante. Quem aceitará pensar que construções tão elaboradas se resolvem e mais ou menos se esgotam por meio da análise devido à necessidade de deificação da chuva e dos outros princípios fertilizantes, exigidos pelas terras áridas? Muito mais absorvente e dignificante para o
espírito é adotar o ponto de vista dos verdadeiros mitógrafos que proclama que a própria condição de viabilidade de um mito é satisfazer ao mesmo tempo a vários

sentidos, entre os quais se pode distinguir o sentido poético, o sentido histórico, o sentido uranográfico e o sentido cosmológico. A interpretação positiva, da qual denuncio aqui o caráter dominador e intolerante, só poderia passar por um dos ramos da interpretação histórica geral, por si só já restritiva da interpretação étnica que parte da mesma origem. Sem poder continuar na via espiritualista onde se empenham alguns dos autores que tentaram explicar mitos não do exterior mas de dentro e sem poder, por conseqüência,
aceitar o detalhe de sua classificação, devo reconhecer que só esta classificação se mostrou até hoje bastante ampla para abraçar os diversos modos de invasão de uma doutrina religiosa e justificar a fé persistente que nela pode ser colocada. O esoterismo, toda reserva feita ao seu próprio princípio, oferece ao menos o imenso interesse de manter em estado dinâmico o sistema de comparação, de campo ilimitado, de que o homem dispõe, que lhe libera as relações que tornam possível ligar objetos em aparência mais afastados e lhe descobre parcialmente a mecânica do simbolismo universal. Os grandes poetas do século passado o compreenderam admiravelmente, desde Hugo cujas ligações muito estreitas com a escola de Fabre d'Olivet acabam de ser reveladas, passando por Nerval, cujos sonetos famosos referem-se a Pitágoras, a Swedenborg, por Baudelaire que notoriamente vai buscar nos ocultistas sua teoria das "correspondências", por Rimbaud cujo caráter de suas leituras nunca seria acentuado suficientemente, no apogeu de seu poder criador basta remeter à lista já publicada das obras que toma emprestado à biblioteca de Charleville -, até Apollinaire em quem alternam a influência da Cabala judia e a dos romances do Ciclo de Artur. Mesmo não sendo do agrado de certos espíritos que só se sentem à vontade na imobilidade e no óbvio, na arte esse contacto não cessou e tão cedo não cessará de ser mantido. Consciente ou não, o processo de descoberta artística, embora permanecendo alheio ao conjunto das suas ambições metafísicas, não é menos enfeudado à forma e aos próprios meios de progressão da alta magia. Tudo o mais é indigência, é banalidade insuportável, revoltante: cartazes publicitários e versinhos.

"Quando, relata Eliphas Lévi, o iniciado nos mistérios de Eleusis percorrera triunfalmente todas as provas, quando vira e tocara as coisas santas, se era julgado bastante forte para suportar o último e mais terrível de todos os segredos, correndo um sacerdote velado aproximava-se dele e lhe dizia ao ouvido esta frase enigmática: 'Osíris é um deus negro'". Palavras obscuras e mais brilhantes do que o azeviche! No final da interrogação humana, são elas que me parecem mais ricas, mais carregadas de sentido. Nesta busca do espírito onde toda porta que se consegue abrir leva a outra porta que de novo é necessário tentar abrir, só elas, na entrada de um dos últimos cômodos, adquirem o valor de passe-partout. Mas é necessário, com efeito, para poder impregnar-se delas, haver deixado de contar com a bússola, haver-se entregado à ronda dos círculos excêntricos das profundezas, haver fixado caros ao meu amigo Marcel Duchamp -os "corações voadores" do desvairado. Nesse instante pungente onde o peso dos sofrimentos suportados parece dever devorar tudo, é que o próprio excesso da prova leva a uma mudança de sinal que tende a fazer passar o indisponível humano para o lado do disponível e atribuir ao último uma grandeza que não poderia usufruir sem isso - é assim que essas palavras podem ser plenamente compreendidas. É necessário haver ido ao fundo da dor humana, haver descoberto suas estranhas capacidades, para poder saudar com o mesmo dom ilimitado de si mesmo o que vale a pena viver. A única desgraça definitiva em que se poderia incorrer diante de tal dor, porque ela tornaria impossível essa conversão de sinal, seria opor-lhe a resignação. Sob
qualquer ângulo que, diante de mim, tu tenhas mencionado reações às quais te expôs o maior desastre que tenhas concebido, sempre te vi enaltecer a rebelião. Não há, com efeito, mais descarada mentira do que aquela que consiste em sustentar, mesmo e sobretudo, em presença do irreparável, que a rebelião de nada

serve. A rebelião se justifica por si mesma, completamente independente das oportunidades que tem de modificar ou não o estado de fato que a determina. Ela é a faísca no vento, mas a faísca que procura a fábrica de pólvora. Venero o fogo sombrio que passa nos teus
olhos cada vez que recuperas consciência do dano irreparável que te causaram e que se exalta e se sombreia mais ainda à lembrança dos miseráveis sacerdotes tentando aproximar-se de ti naquela ocasião. Sei também que é o mesmo fogo que produz para mim tão altas as suas chamas claras, que as enlaça em quimeras vivas aos meus olhos. E sei que o amor, que nesse ponto só conta com ele mesmo, não posso retomá-lo de ti, e que o meu amor por ti renasce das cinzas do sol. Por isso, cada vez que uma associação de idéias traiçoeiramente te leva de volta a esse ponto em que, para ti, toda esperança um dia foi renegada e, por mais alto que te encontres então, ameaça, como flecha procurando a asa, precipitar-te de novo no abismo, sentindo eu mesmo a inutilidade de toda palavra de consolo e considerando toda tentativa de diversão como indigna, convenci-me de que só uma fórmula mágica, neste caso, poderia ser operante, mas que fórmula poderia condensar nela e devolver-te imediatamente toda a força de viver, de viver com toda a intensidade possível, ao passo que sei que ela te havia sido devolvida tão lentamente? Aquela, à qual decido apegar-me, a única pela qual julgo aceitável fazer-te voltar para mim, quando te acontece de inclinar-te de repente em direção da outra vertente, encerra-se nestas palavras com que, ao passo que começas a desviar a cabeça, quero somente roçar o teu ouvido: Osíris é um deus negro.

Mas, a virtude dessa fórmula ultrapassa também o quadro da vida individual para se estender a grandes conjuntos humanos. Nenhuma época, infelizmente, prestou-se melhor do que a nossa à demonstração do que afirmo. Nenhuma, com efeito, conseguiu aumentar mais, levantar mais o conteúdo da palavra Resistência. Tudo o que nela se realiza de mais glorificante e de mais nobre, porque não obedecendo a nenhuma vontade exterior, a nenhuma pressão e não recuando diante do sacrifício da própria vida -e só assim podemos estar certos de que o sacrifício é voluntário -, é condenado pelo espírito de resistência como se manifestou nos países ocupados da Europa. Aqui tudo autoriza a falar de heroísmo, restitui o seu valor a uma noção aviltada. Pensava nisso, há poucos dias, diante do retrato de um jornalista francês, antigamente encarregado da rubrica de política estrangeira no *Populaire*, Pierre Brossolette, cuja morte em um hospital de Paris foi noticiada. por um jornal canadense. Os meus olhos iam e vinham desse rosto jovem e sorridente às poucas linhas que o acompanhavam, especificando que Brossolette acabava de sucumbir às complicações dos horríveis ferimentos contraídos durante a sua luta
no *underground*. Havia entre esses dois documentos, a notícia e a imagem, uma contradição que, apesar de tornar a informação mais dramática e por muito paradoxal que fosse, tendia a se converter em benefício da confiança e da vida. A última palavra,
como dizer? ficava com a expressão corajosa e sutilmente cética do retrato em que parecia entrar um pouco de bravata, muito parisiense. Aquele devia ser dos que sabem ver mais longe do que eles mesmos, que sabem a partir de onde a vida não valeria mais a pena ser vivida, dos que livremente e sem hesitação sabem correr o risco. Daqueles que sabem morrer como souberam viver. Diante do desaparecimento de seres como esses, em um combate como esse, a altivez humana rivaliza com a aflição e cada uma delas leva vantagem sobre a outra alternadamente. Osíris é um deus negro. Se cito aqui só um homem, como modelo, compreender-se-á que é a fim de aproveitar todo o seu poder concreto, devem, porém, ser incluídos, na minha homenagem, vastos grupos, constituídos em todos os países invadidos. Nesse caso, todavia, uma reserva impõe-se. De longe, é no mínimo presumível que o espírito de resistência, tomado no sentido mais amplo e cujo desinteresse coloco, logo de início, fora de questão, não terá sido tão

perfeitamente esclarecido para todos quanto para alguns. A palavra resistência surge
hoje como nova em folha, foi tão bem rejuvenescida que, sem dúvida, muito imprudentemente, parece haver escapado ao desgaste em matéria de vocabulário: fica-se pasmo por haver descoberto uma nova virtude, sem nem tomar o cuidado de observar que ela está longe de ser uma das "virtudes cristãs" e, em última análise, não se concilia com nenhuma delas. Entretanto, por mais admirável e necessária que tenha sido enquanto fenômeno espontâneo, nem por isso a vontade de resistência poderá ser considerada por uns e outros, ainda por muito tempo, fora do que a motivou e convém evitar, neste assunto, algumas ilusões. E provável que a reação da massa, na sua característica menos consciente -quero excetuar por essa razão os meios operários -tenha sido totalmente instintiva e ela só se tenha proposto como objetivo fazer cessar uma opressão intolerável cujos efeitos eram sentidos, de imediato, na sua própria carne. Esse fenômeno de intolerância quase química só encontrava eventualmente o seu complemento e a sua justificação moral no quadro patriótico. Não é necessário dizer que, uma vez afastado o jugo, esses elementos correm o risco de cair nos seus erros passados, de se lançar de novo com todo egoísmo no encalço do bem-estar, acentuando simplesmente a sua posição de desconfiança agressiva contra to'dos os que não falam a mesma língua que eles. Junto desta forma muito episódica e horrivelmente limitada de resistência, coloca-se a forma verdadeiramente consciente, cuja questão é saber até que
ponto ela terá conseguido educar e manter a primeira em estado de alarme e de disponibilidade. A forma consciente, além das tarefas mais urgentes, convergindo todas ao encontro deste objetivo: expulsar o invasor, aplica-se em determinar as causas profundas do conflito atual e, fora de toda via rotineira -onde a perder de vista as mesmas ciladas estão armadas - prepara as medidas radicais, únicas que podem impedir o seu retorno. Liberar o ar dessas nuvens abjectas de gafanhotos, libertar o mais elementar direito à vida das extremas limitações impostas por uma ingerência manifestamente parasita, sanear os lugares expostos à contaminação pela supressão de todos os que se acomodaram sob alguma forma de coação, nada se pode conceber, ainda uma vez, de mais necessário, e, todavia, isso ainda não constitui um passo decisivo em direção de um mundo para sempre protegido contra o que vem infestá-lo. O necessário, aquilo que sem contestação devia ter prioridade urgente sobre todo o resto, está ainda muito longe de ser aqui o suficiente. No intervalo que separa esta guerra da precedente,
o conceito de liberdade, que brilhara com um esplendor, um prestígio extraordinário na época da Revolução francesa, na própria França, estava em via de esquecer-se dos seus princípios, de perder-se. Tudo aquilo em que se afirmara o caráter próprio de um povo vergava cada vez mais sob a pressão das forças contrárias mais ou menos disfarçadas. Tudo o que podia ser lançado no seu ativo -o estatuto vital desse povo tal como, quer queira quer não, se depreendia ainda das suas instituições -era deixado na sombra pelo temor de que a idéia de liberdade, que se aceita mal na inércia, não se torne ainda mais exigente. As suas conquistas já antigas só eram relatadas a título de lembrete, com todas as precauções e reservas, para que a sua recordação fosse o menos exaltante possível. E o que é pior, parecia-se sempre pedir desculpas como por uma doença de crescimento que pusera em perigo os dias do paciente -esse próprio povo –mas que felizmente ainda pudera ser tratada a tempo por eminentes especialistas, como a Corday, Tallien, Napoleão Bonaparte ou o senhor Thiers. Evidentemente, havia com que tranqüilizar os mais delicados. Esperemos que os acontecimentos recentes tenham ensinado à França e ao mundo que a liberdade só subsiste no estado dinâmico, que ela se degenera e se nega
assim que se acredita poder transformá-la em objeto de museu! E chega de discussão bizantina sobre a sua natureza: seria não só vão mas de novo perigoso instituir um debate aprofundado sobre a liberdade do qual se apressariam a participar todos os que podem ter interesse em tornar a questão confusa. Posta de

lado deliberadamente a sua acepção filosófica, que não vem ao caso, mas que os seus adversários pretendem utilizar para obscurecê-la, a liberdade define-se muito bem pela oposição a todas as, formas de servilismo e coação. O único ponto fraco dessa definição é representar geralmente a liberdade como um estado, isto é, na imobilidade, ao passo que toda a experiência humana demonstra que essa imobilidade provoca a sua ruína imediata. As aspirações do homem à liberdade devem ser mantidas em condições de se renovarem sem cessar; por isso ela deve ser concebida não como estado, mas como força viva que leva a um progresso contínuo. É, aliás, a única maneira pela qual ela pode continuar a se opor à coação e ao servilismo que, estes'sim, se recriam e da maneira mais hábil. É preciso tomar cuidado: a liberdade para o prisioneiro é coisa admiravelmente concreta, positiva enquanto ele está atrás das grades, mas no ar livre de fora, como se esgotam depressa as alegrias esperadas! Passado o primeiro momento de alívio e excitação, ele vai dispor dessa liberdade sem na realidade gozar dela –assim como não se sente volúpia por viver em paz com os próprios dentes após as crises da primeira idade! -e ainda muito bem, se imediatamente, inquieto, ele não perguntar o que fazer com essa liberdade. Há o risco, infelizmente, de acontecer o mesmo com todos os que, no movimento de resistência na França e alhures, houveram limitado as suas perspectivas à liberação do território. O esforço de liberação só coincide de maneira parcial e fortuita com a luta pela liberdade. Uma distinção muito formal entre esses dois termos impõe-se hoje quando alguns se preparam para tirar partido da sua confusão em detrimento da liberdade. A idéia de liberação tem contra ela o fato de ser uma idéia negativa, que só vale momentaneamente e referente a uma espoliação de fato, bem definida, que é preciso fazer cessar. Toda idéia desse gênero, não construtiva em si mesma -o que se deu com o fascismo de antes da guerra, preso ao trilho da oposição pura -é de importância medíocre. A idéia de liberdade, ao contrário, é uma idéia plenamente senhora de si, que reflete uma visão incondicional daquilo que qualifica o homem e empresta um único sentido apreciável ao devenir humano. A liberdade não é, como a liberação, a luta contra a doença, ela é a saúde. A liberação pode fazer crer em um restabelecimento da saúde, ao passo que só marca uma remissão da doença ou o desaparecimento do seu sintoma mais manifesto, mais alarmante. A liberdade, esta, escapa a toda contingência. Não somente como ideal, mas como recriadora constante de energia, como existiu em alguns homens e pode ser dada por modelo a todos os homens, deve a liberdade excluir toda idéia de equilíbrio confortável e se conceber como eretismo contínuo. A necessidade primordial de liberação, que acaba de ser sentida intensamente, e o amor da liberdade, o qual não se pode negar que continua muito mais eletivo, devido ao rigor dos tempos de poder, tiveram de caminhar lado a lado. Ou melhor, admitiram uma medida comum, a coragem, a verdadeira coragem, que exige a livre aceitação do perigo. Não é menos ardentemente desejável que, rechaçado e posto fora de combate o último soldado brutal e fuzilado o último traidor, nenhum daqueles que houverem empenhado na luta mais desigual o melhor de si mesmos acredite poder parar aí. Na própria essência daquilo que o ergueu, por menos que reflita, descobrirá a própria centelha desta liberdade que só deseja crescer e tornar-se para todos uma estrela. Esta liberdade, afirmo que eles a terão visto nascer e só precisarão dar-se ao trabalho de lembrar-se para que diante do seu olhar, no futuro, os mais mal-intencionados desistam de raciocinar sobre ela e de saber até que ponto a sua concepção é fundamentada intelectualmente, assim como da história, mesmo o espírito mais reacionário, mais parcial se abstém de pedir explicação aos soldados de Valmy.

A estrela agora reencontrada é a da madrugada, que visava a eclipsar os outros astros da janela. Ela me transmite o segredo da sua estrutura, explica-me por que tem duas vezes mais pontas do que eles, porque essas pontas são de fogo vermelho e amarelo, como se fossem duas estrelas conjuntas de raios alternados. É

feita da própria unidade desses dois mistérios: o amor, que renasce da perda do objeto do amor e só assim se eleva à sua plena consciência, à sua total dignidade; a liberdade, que se destina a ser bem conhecida e exaltada somente pelo preço da sua privação. Na imagem noturna que me guiou, a explicação dessa dupla contradição opera-se sob a proteção da árvore que encerra os restos da sabedoria morta, através das trocas efetuadas entre a borboleta e a flor e em virtude do princípio da expansão ininterrupta dos fluidos, à qual está ligada a certeza da renovação eterna. Aliás, na realidade, esta é uma resolução comum, visto que não necessita de outro instrumento senão o que os hebreus representaram hieroglificamente pela letra (pronunciar: pê) que parece a língua na boca e que significa no sentido mais nobre a própria palavra.

Todavia, julgo que a verdade alegórica que aqui se exprime só alcança toda a sua magnitude sob a condição de se completar e de se esclarecer com um mito adventício. Com efeito, uma certa falta de informação subsiste ainda, concernente às circunstâncias que, na figura por mim retraçada, determinam o aparecimento da estrela maior e eventualmente poderiam permitir que se chegue à sua origem. Ora, essa lacuna
pode ser sanada. Existe, com efeito, nas paredes do tempo, um quadro muito relacionado com o precedente quanto à natureza das preocupações que deixa transparecer e, sem dúvida, só devido a extremas diferenças de estilo já não foi relacionado com o outro. Este quadro, cujo tema é a formação da própria estrela, constitui, na minha opinião, a expressão suprema do pensamento romântico; em todo caso permanece o símbolo mais vivo que ela nos legou. Foi este símbolo que M. Auguste Viatte contribuiu muito para esclarecer, na sua obra recente: *Victor Hugo et lês illuminés de son temps* e que se deduz de um paralelo entre o *Testament de Ia liberté do padre Constant*, publicado em 1845, e *La fin de Satan*, uma das últimas obras líricas do poeta. "Assim como na obra de Victor Hugo, também na do padre Constant", escreve
M. Viatte, "assistimos primeiramente à queda do anjo que, ao nascer, negou-se a ser escravo", e produziu na noite "uma chuva de sóis e estrelas devido à atração da sua glória": mas Lúcifer, a inteligência proscrita, dá à luz duas irmãs, Poesia e Liberdade, e "o espírito de amor usará os seus traços para dominar e salvar o anjo rebelde". Esta relação, necessariamente rápida e breve, não deixa de forma alguma preconceber –para quem, afrontando o outro extremo, consentir em ultrapassar a incontinência verbal -a grandeza conferida a tal episódio pelo dom visionário de Hugo e do qual, na sua obra, a criação do anjo é testemunho: "O anjo Liberdade, nascido de urna pena branca, perdida
por Lúcifer durante a sua queda, penetra nas trevas; a estrela que usa na fronte cresce, torna-se 'primeiro meteoro, depois corneta e fornalha' ". Vê-se corno, apesar da sua aparência ainda vaga, essa imagem se precisa: é a própria revolta, a única revolta criadora de luz. Essa luz só pode passar por três vias: a poesia, a liberdade e o amor, que devem inspirar o mesmo zelo e convergir para traçar o próprio perfil da eterna juventude, no ponto menos descoberto e mais iluminante do coração humano.

20 de agosto-20 de outubro de 1944.
Percé -Sainte-Agathe.